

570
489
MARIA PAULA DE AZEVEDO

L
38 5-33
TERRA PÁTRIA

ROMANCE

COIMBRA

1948

L

38633

DA AUTORA

TERRA PÁTRIA

TERRA PÁTRIA

ROMANÇO

de

IN FRENTE

de

EM PREPARAÇÃO

uma família portuguesa

DA AUTORA :

- História de Jesus contada às crianças* (esgotado)
Portugal para os pequeninos (esgotado)
Quatro Raparigas
Alguns anos depois
O Colégio da Ameixoeira
Os Rapazes de Maria João
Brianda (esgotado)
Alvoradas (esgotado)
Aventuras do Zé Pitosga (esgotado)
Dias felizes (esgotado)
Teatro para crianças
Portugueses de outrora
A prima da América
Ana vem a Portugal
Alexandre Rey Colaço (esgotado)
Autozinho do Natal
Contos de fadas (Fadas do nosso tempo) reclamado pelo B. I.
d'Education de Genève para a sua Exposição permanente
Histórias (esgotado)
Vida de Jesus para os pequeninos e
História do Mundo contada às crianças (reclamados pelo B. I.
d'Education de Genève para a sua Exposição permanente)

NO PRELO :

Fabiola (tradução)

EM PREPARAÇÃO :

Uma família portuguesa

MARIA PAULA DE AZEVEDO

TERRA PÁTRIA
(ROMANCE)



R. 179246

AGÊNCIA NACIONAL DO LIVRO
- COIMBRA -
1948

PREFÁCIO DA AUTORA

Ao lêr nos jornais de Lisboa, em Janeiro de 1948, a inteligente exposição feita pela JUNTA CENTRAL DAS CASAS DO POVO sobre as leituras a dar ao povo, formei logo o propósito de escrever um romance de interesse rural, fazendo-o entrar no concurso aberto pela mesma JUNTA. Dizia a referida exposição :

«Ao promover este concurso, reconhece a JUNTA CENTRAL a importância que a literatura de ficção tem ultimamente assumido como veículo de má orientação doutrinária, através da descrição dos ambientes, do recorte dos caracteres, do jogo dos conflitos, e da projecção dos ideais. Dirige-se, em face disso, aos escritores portugueses que desejem ser intérpretes dos grandes e verdadeiros sentimentos de ruralidade, até mesmo, daqueles dramas atávicos que imprimem feição própria à alma popular, mas de forma a não lhe adulterarem as virtudes características, nem desvirtuarem os seus caminhos de beleza cristã. Não podem os escritores que estejam atentos aos problemas do seu tempo e do seu país deixar de reagir, em espírito de compreensão e simpatia, perante o esforço dos que pretendem elevar o nível de vida das classes rurais, de acordo com os melhores princípios da vida social, como não pode uma política construtiva deixar de ter a sua expressão de perdurabilidade na obra de arte

PREFÁCIO DA AUTORA

que o escritor, como representante da sua época, necessariamente lhe assegura.

Os falsos aspectos que, já sob o clima político do liberalismo, os romancistas e novelistas transmitiram ao público leitor, perverteram, perigosamente, a sua visão das realidades rurais e deram primazia ao secundário como prejuízo do essencial, que é a **CONSTANTE** nacional da alma do nosso povo. Mais tarde, já em nossos dias, a literatura neo-realista, praticou, e pratica, os mesmos erros de conteúdo imprimindo-lhes a marca da luta de classes de que é nocivo agente.

Importa, e quanto antes, restabelecer a verdade, no plano social como no plano artístico, suscitando na literatura portuguesa de boa raiz — onde a espontaneidade creadora substitua a intenção partidarista — a imagem autêntica da vida campestre, e das suas perspectivas humanas, dentro do quadro das actuais circunstâncias de progresso colectivo».

Está, felizmente, passada a época, dolorosa para todo o patriota sincero, em que a vida operária, em Portugal, de tudo carecia. E não posso deixar de referir-me aqui, como simples preito de justiça, com a consciência de dizer uma verdade, que já em 1895 um oficial de engenharia publicou um livro, «Scienciocracia», em que preconizava **MUITAS** das medidas em

prol do operariado, que mais tarde o abençoado ESTADO NOVO pôs em prática... a BEM DA NAÇÃO, em todo o sentido da frase.

Creio poder afirmar, sem falsa modéstia, que a leitura da minha TERRA PÁTRIA vai agradar ao povo: ser-lhe-á útil, pelos sãos conceitos que encerra; levantar-lhe-á o espírito pelo optimismo em que se baseia; e fá-lo-á, talvez, amar mais compreensivamente a terra pátria... Inspirei-me, ao escrever este livro, numa outra obra escrita há vinte anos, sobre a qual um desgraçado criminoso da Penitenciária de Lisboa, preso por falsário, disse, depois de a ler:

«se me tivessem dado este livro na minha mocidade a minha vida teria sido outra».

Nunca elogio nenhum me impressionou tanto como as palavras dolorosas do pobre homem.

Dando este novo livro à publicidade, entrego uma grande parte da minha alma de portuguesa...

Maria Paula de Azevêdo

Abril — 1948,

TERRA PÁTRIA

I

João

Aquela Quinta dos Pinheiros, às portas de Lisboa, tinha sido comprada, havia anos, pelo antigo serralheiro António José Costa, depois de liquidar, com fartos lucros, a carvoaria e taberna que estabelecera na rua da Atalaia. E para ali fora viver com sua mulher, a gorda D. Augusta, e o seu filho único João.

Em pé, diante duma das largas janelas da sala, vasto recinto quadrado emoldurado em verdura, João olhava, cismático, a paisagem de inverno. Velhos e seculares ulmeiros, onde a hera tenaz trepara, envolvendo os seus troncos nodosos, estavam ainda com folhas; mas parecia que um véu rosado os cobria agora: pois já os rebentinhos da primavera próxima iam surgindo, pouco a pouco...

Em frente da casa, do outro lado da estrada, a velha Quinta da Serra, impregnada da poesia do passado, tinha para aquele rapaz de catorze anos uma imensa, estranha, força de atracção... E passava que tempos a olhar os terrenos incultos, cobertos de florinhas rasteiras, assombreados, aqui e além, pelas árvores que tantos séculos atrás haviam sido plantadas. Muros cobertos de musgo aveludado erguiam-se, inesperadamente, no meio das terras abandonadas; e só os rebanhos, balando e pastando, percorriam a velha quinta de outros tempos, cujos bancos de pedra carcomida pareciam recordar ainda encontros de namorados em noites de luar...

— Que fazes aí, João? — gritou, de repente, a voz do pai — homem atarracado e trigueiro, de cara rapada e voluntariosa, não destituída de bondade.

O rapaz corou e murmurou :

— Estão já a aparecer os rebentos naquelas árvores, Pai...

António José, meio a sério meio a rir, pegou-lhe no braço e disse :

— Você está pateta? Quem é que se importa com os rebentos das árvores, meu palerma? Toca a vestir o macaco e venha daí trabalhar no motor.

João, obediente, atravessou a sala e foi vestir o seu fato de ganga, seguindo com o pai para

a casa do motor — monstro negro que lhe inspirava verdadeiro terror, mas que o pai manejava com perícia e interesse.

— Mãos na manivela, meu fedelho — gritava António José, a rir — força, homem ! Não te quero um maricas, bem sabes.

— O seu rapaz não vai à bola com isto, patrão — observou um dos homens, indulgente, ao ver a testa de João cobrir-se de suor.

— Pois é assim mesmo que se ensinam os rapazes de hoje : hão-de saber deitar a mão a tudo.

— Mas olhe lá, senhor António José — disse um velhote de suíças grisalhas e barrete de saloio — se o seu filho não tem jeito nem feitio para as «mánicas» porque o não deixa vocemecê agarrar-se aos livros, que é do que ele gosta ?

— Você não entende de educações modernas, homem : já é velho para isso. Hoje em dia ninguém sabe para o que está destinado ; pode vir a ser tudo ! Ministro, presidente, rei, até !

— Rei ! — exclamou um dos homens, admirado.

— Rei ou presidente — é quase o mesmo ; o caso é estar acima de todos e mandar. Bem vêem vocemecês — continuou António José, com ar entendido — que dantes a vida era outra. Levava-se a mocidade inteira a estudar para aquilo que se queria ser : leis, letras, militanças, doutorices, comércio, o diabo ! Vinham

a ser, depois, advogados, juizes, médicos, officiais. E era dessa gente que saíam os ministros, os directores disto ou daquilo, os mandões!

— Menos os reis, patrão. Que esses eram sempre filhos ou netos doutros reis. E tinham a «indução» própria para saberem reinar — tornou o velho.

— Era tudo uma súcia — cortou António José, aborrecido com a interrupção. — E quem não fazia esses estudos ficava um João ninguém: não passava da cêpa torta! Só servia para aprender um officio ou para trabalhar na terra.

— Lá isso — tornou o velhote — se os «homens» se deixarem de trabalhar na terra que é nossa, que já foi de gente nossa, e que há-de ser herdada por gente nossa, donde nos há-de vir o pãozinho, patrão? Que braços hão-de cavar a terra, e amanhã-la, e fazê-la dar o trigo, a batata, o vinho?

— Tudo isso são tretas — declarou António José, vendo que os argumentos do velho pareciam impressionar o auditório. — Sabem que mais? — as coisas agora correm doutra maneira. As guerras, as greves, as revoltas, os direitos duns e doutros para um lado, as exigências de todos para outro, tudo faz com que o mundo ande em bolandas e desse uma grande volta. E o que é preciso, hoje em dia, é saber deitar a mão a tudo. E fiquem-se com esta homens: para

estar acima dos outros basta uma coisa, sou eu que lho digo, é ser atrevido !

— Ó Pai, estou muito cansado — gemeu João, abanando as mãos, vermelhas e trémulas.

António José adorava o filho ; teve um movimento de expansão affectuosa, e exclamou :

— Pronto, rapaz ! Olha que isto é para fazer de ti um homem, sabes ?

— E agora posso ir lá acima, ter com a caseira, Pai ? — perguntou João.

O pai resmungou, aborrecido :

— Lá vais tu para a tagarela da velhota ; só sabe encher-te a cabeça de tretas, como diz a tua mãe...

— Deixe lá, Pai, que a senhora Emília é uma santa mulherzinha — disse João, em tom convencido.

E não se enganava o rapaz ao fazer esta afirmação ; pois a velha caseira da Quinta dos Pinheiros era uma mulher excepcionalmente esperta e boa. Fora para ali ainda nova, como mulher do caseiro, quando a Quinta pertencia a um velho fidalgo. Quando esse dono morrera e a Quinta se vendera, os mesmos caseiros lá tinham ficado. E depois da morte do marido «Tia Emília», como todos a chamavam, ficara nos Pinheiros.

Ninguém melhor do que ela sabia dirigir as matanças, temperar os enchidos, salgar o toucinho, fumar os presuntos ; e para tratar da

criação e fazer a manteiga a velha caseira não tinha rival. Um pouco teimosa, sim — agarrada às suas ideias... Assim, nunca Antônio José conseguira convencê-la a servir-se da choca-deira que comprara: a resistência passiva da Tia Emília vencera a energia do patrão!

— Lá isso, senhor Costa, tenha paciência, mas não será a filha de minha mãe que põe os ovinhos numa caixa de pau! Deus Nosso Senhor não o destinou assim e se saírem pitos e pitas... são obra do demo. Nanja eu...

Com as suas blusas soltas sobre a saia de castorina escura, o seu lenço de casimira emol-durando-lhe o rosto cheio, o beijo inferior avançando sobre o outro, a senhora Emília era uma figura pitoresca e atraente e todo o pessoal da quinta a rodeava de respeito.

João, correndo ao lado do Jau, enorme cão da Serra da Estrela que o acompanhava sempre, chegou depressa junto da casa da caseira, e chamou:

— Ó Tia Emília!

Mas ninguém lhe respondeu; e, como viu a porta aberta, entrou.

O quarto de fora estava na costumada ordem: a cómoda coberta com o seu pano de «crochet», sobre o qual se alinhavam os búzios, as flores de cera sob uma redoma, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, um relógio de cuco. Na parede fronteira um comprido canapé

de palhinha, com duas almofadas duras, cobertas com paninhos de crivo. E, entre as duas janelas, uma velha arca de pinho, igualmente coberta por um pano arrendado.

Mas, quando João se preparava para procurar a caseira nos quartos interiores, viu-a sair da leitaria, com um balde de leite desnatado enfiado no braço, e dirigir-se para as pocilgas, monologando, como era seu costume, à medida que ia ouvindo roncar os porcos.

— Lá vou, lá vou, seus gulosos ! — dizia ela, sorrindo.

E João, que lhe ouvira a voz, desceu, a correr, a escadita de pedra e aproximou-se das pocilgas.

— Olhe-me estes lambões, menino João ! O guloso grande nem deixa a irmã chegar o focinho ao leite ; e a pobre da bacorinha, assim, não se atreve a engordar ; mal empregada !

— São medonhos, todos eles — declarou João.

— O menino não me diga outra ! Que os porquinhos, em estando bem gordos e tratadinhos, lembra-se a gente dos ricos enchidos que se hão-de fazer com eles. Se não fosse assim, menino, como havíamos de arranjar os chouriços, as murcelas, mais as farinheiras no Natal ?!

João riu-se e exclamou :

— Ó Tia Emília, então é assim que gosta dos pobres animais, a pensar já na matança !

— Pois então ? Cada qual para o que nasceu, menino. E os bacorinhos são para dar de comer à gente : pra isso é que a gente lhes dá de comer a eles. E agora vou-me até casa, que a minha tarefa está acabada.

Seguida de João e do Jau, a caseira foi buscar a sua meia ; e, com os óculos acavalados na ponta do nariz, sentou-se sobre um banquinho de pau, à porta. João, cruzando as pernas à chinesa, instalou-se no chão, ao lado do Jau, que se deitara com o focinho encostado às patas da frente.

— Então, Joãozinho, que tem andado a fazer ? — perguntou a velhota, olhando o rapaz por cima dos óculos.

— Estive com o Pai a trabalhar no motor que eu detesto ! — respondeu João.

— Mas que lhe faz puxar p'lo corpo ; e um homem não se quer pra vista.

— E para que é preciso o tal motor ? Para encher esta quinta de luzes e de barulhos...

— Louvado seja Deus ! Então a, àguinha dos poços quem na puxa cá pra cima senão o motor ?

— Antes fosse uma nora velha, a chiar, a chiar, puxada por um boi de chapelhos nos olhos... — murmurou o rapaz.

— Credo, menino, está-se-me a parecer um velho doutros tempos... — e a senhora Emília parou de fazer meia.

— Olhe, Tia Emília, quer saber o que o Pai mandou fazer ontem no alto da encosta ?

A caseira pegou na meia e comentou, prudentemente :

— O patrão é o dono da sua quinta ; pode fazer dela o que muito bem quiser.

— Mas é que há coisas que se não fazem ! E até me dão vontade de chorar ! — e o pequeno limpou as lágrimas que lhe enchiam os olhos tristes.

— Então o que foi ? — perguntou a caseira.

— Mandou cortar o cedro velho ! — gritou João, indignado. — O cedro velho ! Aquela árvore linda, onde cantavam tantos melros à tarde e as toutinegras o dia inteiro... Eu ia para ali ler os meus livros ; estava-se lá tão bem ! Longe das estradas, dos automóveis, das poeiras. Nem os cheiros das gasolinas e dos óleos chegavam lá... Ouviam-se os pássaros e mais nada...

A senhora Emília deitara a cabeça do pequeno no seu colo maternal ; e deixava-o socegar, afagando-lhe os cabelos.

— Se chora por uma árvore cortada, filho, quantas lágrimas terá de chorar pela vida fora... — murmurou ela.

— No tempo do fidalgo — tornou — havia mais de cinquenta cedros como aquele. E nunca se cortavam ! Tinham tanta idade... — Quase arrependida da observação, cortou, com vivacidade : — O menino bem vê que os tempos são

outros. Agora já por cá se não faz caso do que é antigo : nem da gente velha, nem do «alvoredo»... E olhe o menino, que mesmo para os trabalhos do campo os «homens» vão tendo pouco gosto ; ele há «mánicas» pra tudo ! Até pra mugir o leitinho, disse-me o seu pai. E as mãos então pra que servem ?

Um apito estridente três vezes cortou o ar.

— É o Pai que me chama — disse João, levantando-se, com pena.

— Ande, filho, corra, que o seu pai não gosta de esperas.

O rapaz seguiu, correndo, pelo atalho que cortava a horta.

António José estava bem disposto ; e, vendo chegar o filho, que a corrida tornara corado, agarrou-o e pegou-lhe ao alto, com os seus braços fortes de operário.

— Vamos pela serra acima, valeu ? — propôs ele. E puseram-se a caminho, subindo a encosta arborizada.

— Então que andas agora a ler, rapaz ? — perguntou o pai, curioso.

— Ó Pai, sabe o que eu mais gosto de ler ? A História de Portugal : não há livro que lhe chegue ! (a não ser um outro...) — respondeu João, com entusiasmo.

— Julguei que preferisses a tudo um bom romance policial, com Sherlocks e «gangsters» à americana — disse António José.

— Detesto. Só me interessa o que aconteceu, sabe o Pai? E a História de Portugal...

— Isso para mim não risca nada — tornou o pai, desdenhoso — Reis e fidalgos a viverem regalados nos seus palácios, e o povo a trabalhar: mais nada!

João olhou o pai com espanto sincero e disse:

— Olhe que isso não está certo, Pai. O meu livro conta as coisas doutra maneira. Houve reis estupendos! E só pensavam em dar grandeza à nossa terra. Houve gente fidalga que descobriu uma quantidade de terras de África e da Índia! E houve gente do povo de mão cheia; a alma da nossa terra portuguesa! O Pai nunca leu nada disto?!

António José coçou a orelha.

— Eu te digo, João, até aqui, para dizer a verdade, eu nunca fui dado às leituras. Na minha aldeia da Beira o meu pai fez-me ir à escola: aprendi a ler, escrever e contar. Mas tudo iso mal, valha a verdade. E como eu andava mortinho por sair da aldeia, e a minha tineta era ir para a vila, o teu avô tratou de me arranjar lá um emprego: fui ser caixeirote na farmácia.

— Porque era que o Pai queria sair da aldeia? — perguntou João.

— Quando eu era miúdo, sabes tu, gostava do campo e da vida que se lá levava. Ca-

var a terra, plantar a horta, o feijoal, semear o milho... Comíamos do que era nosso; a luz era a das candeias; o pão, amassado pela tua avó...

— Como devia ser bom, tudo isso... — murmurou João, com um suspiro.

António José, a rir, voltou-se para ele.

— Esta é boa! Não negas ser neto de gente do campo, homem! Os teus avós lá viveram e lá morreram, é certo.

— E a quem sairia o Pai, não gostando do campo?

— Quando os meus pais morreram, eu tinha catorze para quinze anos. E o boticário, meu patrão, começou a falar-me de Lisboa, dos ganhos que lá se arranjavam, das ideias novas que puxavam para cima os que vinham de baixo e rebaixavam tudo o que estava em cima...

— Como era isso, Pai? Não percebo bem — disse João.

— Também eu não percebi quando o homem me explicou tudo isso. E só me ficou na cabeça a ideia que em Lisboa se podia ter vida regalada, trabalhando pouco ou nada, ganhando «mundos e fundos». O bom do homem o que queria, dizia ele a rir, era limpar-me «as teias de aranha da cabeça»!

— Mas a que chamava ele as teias de aranha, Pai?

— Ora, ora, a toda essa piegueira das

coisas antigas ; à religião, principalmente : tinha-lhe um asco... E eu, sabes tu, era um patetinha dos bons : beijava a mão aos pais, dava graças depois das comidas, ia à missa... Mas, graças ao tal boticário, curei-me de tudo isso ; e hoje vivo tão livre da religião como da peste — concluiu, satisfeito.

— Eu tenho pena de não ter religião... — disse João, a medo.

O pai virou-se para ele, admirado, sinceramente.

— Porquê ? Que falta te faz ? Tens bons pais para olhar por ti, boa cama, boa mesa...

— Não sei dizer o que sinto, Pai. É como uma ânsia por outra coisa que não posso explicar... E às vezes ponho-me a dizer, baixinho : «meu Deus ! meu Deus...» Sem quase saber o que digo, afinal...

— Devem ser as tretas da caseira — acudiu o pai, desdenhoso.

— Eu li este ano um livro lindo, Pai ! Sabe como se chama ? A Vida de Jesus.

— Quem te arranjou esse livro ? A história da carochinha, mais ou menos...

— Este livro é uma beleza, Pai ! Vem lá toda a história de Jesus Cristo.

— Não foi mal inventada, não ; mas é tudo «fita», já se vê — declarou António José, convencido.

— Ó Pai, isso é que eu não acredito, tenha paciência — tornou o filho.

Antônio José parou ; e, pondo-lhe a mão sobre o ombro, disse :

— Dantes, João, acreditava-se nisso tudo ; eu próprio, como te disse, já acreditei essas e outras lendas. Mas hoje tudo mudou. Vê-se claro, sabes ? E eu sou dos que me gabo de ter os olhos bem abertos à verdadeira luz ! — João não respondeu, e o pai continuou — A religião já nos não é precisa ; vive-se bem sem ela.

Seguiram, em silêncio, pela encosta acima.

Viam agora, ao fundo da paisagem, a maravilhosa serra de Sintra, toda escura e azulada, escondendo atrás de si o sol poente ; e àquela hora linda da tarde, iam diminuindo, pouco a pouco, todos os ruídos da vida campesina. Os chocalhos dos rebanhos que recolhiam, o assoviar trocista dum melro retardatário, o ladrar dum cão... e tudo se calou em volta deles. Ao longe, muito ao longe, soou o sino das Trindades.

— Chamava-se dantes, a esta hora, a hora das Ave-Marias — disse João, de repente — em lembrança da hora santa em que o Anjo Gabriel anunciou à Virgem Maria o nascimento de Jesus...

O pai voltou-se para ele, sem rancor.

— Quem te disse isso tudo ? — perguntou, admirado.

— Li-o no tal livro. O Pai zanga-se ?

— Não, filho, não me zango. Mas digo-te que segues um caminho errado. Tudo isso são histórias e lendas doutros tempos, doutras gentes, doutras gerações. Boas para a Tia Emília e outro mulherio. O mundo, hoje, precisa de homens desempoeirados, livres de peias, guiando-se pelas suas consciências, mais nada.

— Sou pequeno para discutir estas coisas, Pai. Mas sinto... que é o Pai que se engana... E diante deste céu rosado pelo sol, destes campos, desta serra, desta hora tão linda, eu penso que «há» um Deus que tudo criou !

— És capaz de me sair um poeta, maroto !
— observou o pai, a rir.

O sino longínquo ia tocando sempre... Tenaz e melodioso como um hino de Fê.

II

Projectos

— Olha lá, António — disse D. Augusta — se se não mete o rapaz num colégio interno faz-se um papa-açorda que nunca há-de prestar para nada.

— Um colégio interno ! — protestou o marido.

— E então ? — tornou D. Augusta — Ou, se te parece mais azado, num dos liceus de Lisboa.

— Isso ainda é pior, Augusta. Anda lá toda a casta de malandretes ordinários...

A mulher olhou para ele com sincero espanto.

— Que dizes tu, homem ?! Então andas sempre a pregar igualdades e o diacho a quatro, e agora saís-te com uma dessas !

— Tudo isso são histórias. Uma coisa é o que se diz, e outra o que se faz.

— Essa cá me fica! — tornou a mulher.

— O que talvez desse melhor resultado sabes o que é? Arranjar mestres que venham cá dar as lições; é assim que faz a gente fina.

D. Augusta não podia crer no que ouvia. As suas ideias democráticas eram firmes: aprendera-as desde criança em casa de seu pai, dono duma merceariazita da Rua das Gáveas. E em casa de seu padrinho, um correio de ministro que até tomara parte na revolta de 7 de Fevereiro. Religião não tinha. Fizera ainda a primeira Comunhão solene vestida de branco e de véu: porque, como dizia o merceeiro, «ela não era menos que as outras». Mas, coerente com as suas ideias, D. Augusta nunca mais entrara numa igreja, e fazia figas quando encontrava algum padre no seu caminho.

— São tudo lérias — dizia ela, às vezes, quando as criadas lhe pediam para ir à missa.

— O rapaz é esperto, Augusta, — tornou António José — e olha que diz cada uma... Chega a falar de certas coisas como um poeta... — acrescentou pensativo.

— Ora, António, poetas não são cá precisos. O que se quer é homens para ganhar a «massa».

— Ná, o João não vai nesse bote. E é duas delicadezas... Ainda foi bom, sabes tu, ter-

mos apanhado freguês para aquela data de carvão molhado e conseguido o trespasse da casa : estás a ver o que seria o rapaz, a fazer-se homem e a viver na rua da Atalaia, no meio daquela freguesia manhosa ?...

— Então que tinha ? Passava-lhe a poetice toda num ai, — concluiu D. Augusta.

— Ó mulher, tu és tão seca com o garoto que nem pareces mãe dele !

— Pois também me custa a crer, às vezes, que filho meu saísse assim ! Um piegas como não há outro ! O menino não deixa bater nos cães, chora se se cortam árvores, zanga-se por se regatear com as peixeiras... Irra, que é demais ! E se o deixassem, passava o dia embasbacado a olhar pra o céu !

António José riu, pois, na verdade, o retrato que a mulher traçava de João tinha muito de verdadeiro. D. Augusta continuou :

— Olha, homem, visto que tu o que não queres é separar-te do menino, e tens quesilia à misturada dos liceus, lembro-me que se podia mandar vir para cá o Manel Pires, o filho da Joaquina dos penhores, e davam as lições juntos. Que te parece ?

— O que não sei é se os mestres estarão para cá vir — observou António José. — De Lisboa aqui ainda são bons quilómetros.

— Ora, ora ; é só questão disto, homem —

e D. Augusta esfregou o polegar contra o dedo indicador.

Antônio José descobrira, porém, numa aldeia próxima, a existência dum professor do liceu que, por doença, pedira a sua reforma, e que se prestou, de bom grado, a vir aos Pinheiros leccionar os rapazes três vezes por semana.

Na semana seguinte veio para a quinta o pequeno Manuel, acompanhado pela mãe.

Era uma mulher baixa e magrinha, vesga dum olho, que enriquecera poupando, com avareza, os lucros dos empréstimos que fazia ao povo, a juros altíssimos e ilegais. Nunca ninguém lhe conhecera o marido, de quem ela falava com ar compungido. «Se o meu desgraçado Tibúrcio vivesse...» — era a sua frase frequente. Mas nada se sabia sobre o referido Tibúrcio. E D. Joaquina concentrava naquele filho de doze anos, pálido e enfezado, toda a sua adoração.

— Venha de lá esse abraço, Joaquina — acolheu-a D. Augusta, quando o carro dos Costas despejou, ao portão, a mãe e o filho.

— Ó menina — respondeu a outra, na sua voz esganiçada — que estrada esta ! Não fosse eu seca de carnes, estava moída até aos ossos.

Manuel olhava para tudo com curiosidade e, vendo despontar, ao fundo da rua das parreiras, a figura de João, que ele já conhecia, correu ao seu encontro.

— Olá ! — exclamou João — Vens cá passar a tarde ?

— Qual tarde : venho para cá. Semanas, meses ! Não sabias ?

— Isso é estupendo ! E porquê ?

— A minha mãe tirou-me da escola do bairro pra vir dar lições com os teus mestres.

João, radiante, não podia crer tal coisa ! E alegrava-se com a ideia que poderia ficar na Quinta em lugar de ir para um liceu.

— Anda daí ver os cedros da encosta, queres ? e a serra de Sintra, toda estendida ao fundo...

— Não me disseste lá em Lisboa que havia cá um motor de 7 cavalos ? Não me importo nem com os cedros nem com a serra de Sintra. O que eu quero ver é o tal motor.

E João, hospitaleiro e resignado, levou o amigo a ver o motor.

O almoço naquele dia era especialmente farto ; havia canja, galinha cozida, coelho guisado, lombo de porco, arroz doce, sopa dourada, frutas e café.

A mesa, comprida e desajeitada, não tinha flores ; ao meio estavam dispostas, à toa, as sobremesas todas.

A criada, chinelando apressada, punha as travessas diante da patroa e fugia para a cozinha, até que um berro de D. Augusta a chamasse.

Esta Júlia muito mal serve — observou António José, que queria repetir a canja.

— Ó Júlia! — gritou a mulher — traga mais sopa ao patrão!

— Ó Pai — perguntou João — é verdade que o Manel e eu vamos ter as lições juntos?

— É para ver se te deixas de pieguices — interveio a mãe, carrancuda.

— Não, que os homens de agora querem-se fortes de corpo e de espírito! — declarou D. Joaquina, com a boca cheia.

— Eu cá por mim — disse Manuel — quero ser mecânico: não quero saber de mais nada.

— Pois está você enganado — cortou a mãe — ser «micânico» não é mau, e ainda se podem tirar bons lucros; mas não dá uma posição bonita na «suciidade».

E virando-se para António José, D. Joaquina continuou:

— Ora diga-me lá o senhor António José se há coisa melhor do que ser banqueiro? Há por aí cada um, já podrinho de rico, que faz o sol e a chuva nas bolsas! O senhor que lhe parece? — e D. Joaquina limpou à borda da toalha a boca gordurenta.

Antes que António José respondesse, D. Augusta, trincando o seu pão, disse, peremptória:

— Isso é que é pensar, Jaquina!

João e Manuel, ansiando por ver terminado o interminável almoço, falavam um com

o outro, com os cotovelos fincados sobre a mesa. E quando, enfim, viram D. Augusta, de palito na boca, virar a cadeira para o lado da amiga, dando por finda a refeição, levantaram-se sem mais nada e correram para a quinta.

Antônio José acendeu um cigarro, que fez ali mesmo, e, cruzando os dois braços sobre a mesa, disse, pensativo :

— Nem sempre se pode resolver assim, D. Joaquina, o futuro dos filhos. Há que ver o feitio dos garotos... O nosso é todo dado às letras...

— Toleimas ! — exclamou D. Augusta.

— Puxe-o pràs contas, homem — tornou D. Joaquina, sentenciosa — puxe-o pràs contas. Nos tempos de agora é o mais fixe, por causa das «negociatas». Compra-se por cinco, vende-se por cinquenta : e assim se vai amealhando honradamente — concluiu.

Nesta altura entrou Júlia com um tabuleiro para levar a loiça servida. Ao pegar num copo deixou-o cair, e o copo partiu-se.

— Sua bruta ! — gritou D. Augusta — Há-de pagá-lo, desavergonhada !

E, levantando-se, seguiram os três, de palito na boca, para a casa da costura onde se passava o serão.

III

José Maria chega aos Pinheiros

A vida dos dois rapazes corria alegre na Quinta dos Pinheiros.

As lições com o professor Pacheco eram cheias de interesse ; e se, na verdade, pouco divertiam o irrequieto Manuel, as longas estações junto ao motor compensavam o rapaz da gramática e da História de Portugal que tanto apaixonava João.

Não impedia esta divergência no gosto pelos estudos que os dois amigos se entendessem muito bem.

O senhor Pacheco depressa compreendera as tendências de cada um, e procurava aproveitá-las ao máximo. Quando, porém, D. Augusta se lembrava de dar conselhos ao professor, com o seu modo autoritário e indelicado, o senhor

Pacheco sentia ímpetos de se despedir ; e só a amizade e o interesse que os discípulos já lhe inspiravam é que o retinham ali.

— Olhe o senhor que eu não quero asneiras nem beatices na cabeça do meu filho, ouviu ? Não se ponha a ensinar-lhe tretas, que o rapaz já está inçado delas.

— Mas, minha senhora...

— Aqui não há nem mais nem ontem : é assim mesmo. Quer-se um rapaz que saiba levantar a grimpa e abrir caminho prà vida. A gente é que lhe paga, não é assim ? Tem de ser como a gente manda e pronto.

E o professor, com pena de abandonar os pequenos àquela orientação, continuou a vir.

Mas D. Augusta andava atenta... E desconfiava que o senhor Pacheco não tinha o espírito democrático e ateu que lhe agradava.

— Ó António — disse ela ao marido — o tipo não será beato e talassa ? Era o que nos faltava !

António José riu-se.

— Os talassas passaram à história. E de beatos só tenho ouvido falar no Beato Nuno.

— E quem é esse malandro ?

— Morreu há mais de seiscentos anos ! — respondeu António José.

Manuel andava a pensar num seu velho projecto. Queria construir um pequeno motor

por suas mãos. E, alheio a tudo o mais, disse um dia :

— Descobri na casa da arrecadação uma quantidade de coisas que me servem, sabes, João ? Ferros, pregos, fios, arames, o diabo ! E o que preciso agora é de arranjar um poiso : quero-me esconder para trabalhar sòzinho.

— Os grandes inventores são assim !— respondeu João, a rir.

— Troça se quiseses, meu rico ; mas talvez eu ainda um dia dê que falar...

Naquela linda manhã desciam os dois a encosta da serra. De repente, João estacara... Uma toutinegra, nos ramos baixos duma acácia, soltava trinados alegres, em frases curtas e estri-dentes.

— Ouves, Manel ? Imagina tu que há um ninho delas na parede do meu quarto ! É a toutinegra-mãe, sabes tu, anda a levar palhinhas para fazer o ninho. Que encanto é vê-la chegar...

Mas Manuel não o ouvia já. Correra a apanhar um grande prego ferrugento que via no chão, indiferente ao canto dos pássaros.

A sineta para o almoço soava com força ; e os rapazes dirigiam-se para casa quando viram chegar à porta da cozinha a caseira, acompanhada por um rapaz dos seus dezassete anos.

— Quem será ? — perguntou João.

— Se calhar é o tal sobrinho da caseira que

vem cá passar as férias — respondeu Manuel — e olha que tem boa cara — concluiu.

A senhora Emília entrara na cozinha; e como António José ia, também, a chegar, a velhota apresentou, com certa solenidade:

— Cá está o meu sobrinho José Maria, Sr. Costa. É rapaz de boas famílias, temente a Deus, e de coração leal.

— Viva, Zé Maria — disse António José, com bonomia.

— Fraco é que ele não parece, Ti'Emília — opinou a gorda cozinheira Ludovina.

— Pois olhe vocemecê que a «pulmonia» ia-o levando desta pra melhor. E como se lhe encasquetou a mania de sentar praça, hemos de lhe dar forças pra entrar na tropa.

— E porque queres tu ir para a tropa, rapaz? O ganho é fraco, e tem de se andar sempre às ordens de cabos, sargentos, alferes, de toda a tropa, enfim! — chasqueou, risonho, António José.

José corara; ia responder quando a voz metálica de D. Augusta chamou, da casa de jantar:

— Ó António! A açorda fica fria, homem! — e os três saíram da cozinha.

A senhora Emília sentara-se num mocho.

— Isto de manias, Sr.^a Ludovina, mau é meterem-se na cabeça de cada um. E este, só pensa em se desterrar para as Áfricas!

— Deixe lá, Sr.^a Emília, que as terras de África não são o fim do mundo. O meu sobrinho Luís para lá está há três anos e não morreu. Mas olha tu, cachopo, não julgues que o ganho na tropa é «esmaziado», nada disso !

— Não me importo — disse José Maria — Quero ser militar para servir a minha terra e mais nada.

A Sr.^a Ludovina, que deitava agora o bacalhau guisado num prato coberto, parou, admirada, e observou :

— A tua terra ? Então vocemecês não são dos Alentejos ? E que tem isso com a tropa, rapaz ?

José Maria abriu a boca num riso franco.

— Quando eu disse «a minha terra» falava de Portugal, que é a terra de todos os que falam a nossa língua, Sr.^a Ludovina. É a «nossa» terra.

— Eu cá de p'licas não sei nada — retorquiu a Sr.^a Ludovina, um pouco melindrada — E a minha terra é Cernache — acrescentou com dignidade.

A Sr.^a Emília levantou-se para sair e disse, bonacheirona :

— Rapazes de agora. Tudo quer saber mais que a gente. O que este agora precisa é de bom leite e boas gemadas. E, com licença dos patrões, nada disso lhe há-de faltar, se Deus quiser. Com isto, passe muito bem, Sr.^a Ludovina.

— Até logo, Sr.^a Emília, vão com Deus.

— Quem são aqueles rapazes, Tia? — perguntou José Maria, quando iam pela horta.

— O mais velhito é o Joãozinho, filho cá dos patrões : uma jóia ! — respondeu a senhora Emília. — O outro, o Manel, também não é mauzito ; o pior que ele tem é a mãe, amiga da patroa : uma bicha de alto lá com ela !

— Porque diz isso, Tia Emília? — perguntou José Maria, admirado.

— Cala-te, língua, que hás-de ser a minha perdição... — murmurou a velhota.

Depois tornou :

— Olha, menino, sabes que mais ? É gente sem rei nem roque ; e sem respeito pela religião dos nossos pais e avóses. É o que é e já basta.

— Nem rei nem roque é lá com eles ; mas que tem isso com a religião ?

— O que tem, não sei. Mas é assim mesmo. E não «s'acarditam» que a gente tem uma alma: pessoas ou «alimais» é tudo a mesma coisa. Deus me perdoe !

— Coitados — disse José Maria — não tiveram quem os ensinasse.

José Maria passou o dia todo a percorrer a quinta ; e, como vinha do campo alentejano com as imensas planícies e os montados, apreciou as culturas variadas que ali se espalhavam, verdejantes e risonhas.

Era a horta bem tratada, com os rêgos de

água corrente a separar os talhões, o campo do milho, a várzea do trigo, o grande faval, o feijoado marinhando pelas canas, as parreiras dispostas com cuidado, as encostas cobertas de cepas...

Quando chegou ao alto da colina, impressionou-o a vista maravilhosa, que abrangia muitas léguas em redor ; e, já ao fim da tarde, com um bom livro, José Maria instalou-se no chão, debaixo dum dos grandes pinheiros mansos que ali estendiam os seus ramos aveludados, destacando-se no azul pálido do céu.

Invadiu-o um grande bem-estar...

Mas, de repente, soltou uma alegre gargalhada, logo correspondida por outra ! No alto do pinheiro, por cima da sua cabeça, encarrapitado num ramo grosso, estava João.

— Olá ! — exclamou José Maria.

— Está-se bem aqui, não está ? É a hora mais linda em todo o dia... — respondeu João.
— Tudo se cala... Parece que morreu a natureza...

— Mas não morreu nada — tornou José Maria — De manhã renasce tudo outra vez.

— Ó Zé Maria, eu gosto de você, sabe ?

— Também eu gosto de si, Joãozinho.

— Vamos tratar-nos por «tu», valeu ?

— Ótimo, João. Não tens irmãos e irmãs ?

— Nem primos sequer. E tu ?

— Tenho um irmão chamado Joaquim : só

gosta dos trabalhos da terra, do campo, do gado... Tem vinte anos e cava tão bem como o Pai! E tenho uma irmã que é um alho, sabes?

— Um alho?!

— Sim, pela esperteza! Ela é que ajuda a Mãe na criação e tudo. Já fez treze.

— Como se chama?

— Maria, o nome da Madrinha! — respondeu José Maria, a rir.

— Então quem é a madrinha?!

— É Nossa Senhora — respondeu o rapaz. — E tu já fizeste a primeira Comunhão?, não digo a particular, já se vê, a solene.

João, triste, murmurou:

— Nem solene nem outra: nunca fiz nenhuma.

— Ainda não é tarde para a fazeres — disse José Maria, delicadamente. — Eu conheço um homem que a fez só aos vinte! Não tinha religião nenhuma.

— Cá em casa ninguém tem, José Maria. Nem o Pai, nem a Mãe, nem eu...

— Não tiveram quem lha ensinasse... — observou o rapaz.

— Tiveram, quando eram pequenos; eu é que não... E tenho pena.

— Há pessoas que julgam que a religião tem que ver com a política e com a república: mas é um disparate de marca! O professor

da minha terra é que me explicou tudo lindamente, e ele é todo republicano.

— O Pai é tão republicano que chama aos reis... uma súcia!

José Maria, indignado, ergueu-se sobre um cotovelo; e João, a rir, deixou-se cair no chão ao pé dele.

— República — tornou José Maria — é um regime onde, em lugar de haver REIS, que são sempre filhos ou netos doutros reis, e pertencendo à mesma família, há PRESIDENTES, que são homens escolhidos por votos. Podem ser bons, podem ser maus. E os reis também podem ser bons e podem ser maus.

— Mas que reis estupendos aparecem na História de Portugal, ó Zé Maria!

— Ora que tem isso com a religião? Nada. E queres saber uma coisa? Ninguém pode ser feliz... se não for cristão, João. E tu nunca leste a Vida de Nosso Senhor? — continuou com interesse.

— Li e adorei! Mas o Pai jura que é tudo «fita»... Disse que não há Deus...

José Maria, sem se conter, exclamou, levantando-se e apontando a paisagem:

— Acreditas, porventura, que foram os homens que criaram o Céu, o sol, as estrelas, os montes, o mar?

João, num silêncio triste, não respondeu. José Maria tornou:

— Diz comigo o Pai Nosso, João. — E, dòcilmente, João foi repetindo, baixo, as palavras da admirável oração.

O sol desaparecera de todo ; e os dois amigos, abraçados, felizes sem saberem porquê, desceram a encosta.

Mas, ao passarem perto do poço vazio, ouviram um riso abafado vindo do chão : e a cabeça desgrenhada de Manuel surgiu na orla do poço.

— Caíste ?! — gritou João.

— Qual ! Escondi-me lá dentro : é a minha toca ! Mas... bico, ouviram ? — e, assobiando, Manuel correu vertiginosamente pela encosta.

IV

Palavras loucas...

Aquela pequena vila, quase às portas de Lisboa, fora, muitos anos atrás, moradia de famílias fidalgas ; e ainda se viam ali casas abastadas. A região era fértil, saudável, bonita. O povo vivera, durante séculos, a cultivar a terra na paz da vida campestre ; as casas modestas e risonhas rodeavam a bela e velha igreja onde os azulejos das paredes e os painéis do alto tecto punham a nota artística do passado.

Infelizmente, porém, um espírito demolidor, vindo não se sabia de onde nem como, transformara, pouco a pouco, a calma população.

O cinema, instalado num barracão de madeira, exhibia, em lugar de filmes educativos e bons, fitas dissolventes, mostrando à gente no-

va uma vida fictícia e viciosa ; alguns negociantes desonestos, enriquecidos na cidade pelas guerras e o mercado negro, espalhavam as suas ideias nefastas entre os honrados aldeãos ; e, por último, a falta de pároco para manter a vida espiritual deixava a população à mercê dos seus instintos sem os recursos da religião.

Apenas, de vez em quando, vinha um padre ali officiar, abrindo-se, então, as portas da velha igreja, que baptizara e casara tantas gerações sucessivas ! Eram já raros os casamentos religiosos ; e a maioria das crianças não se baptizavam.

E assim se vivia naquela vila quando António José Costa comprou a Quinta dos Pinheiros : era, infelizmente, o terreno propício para as ideias anti-cristãs do carvoeiro e da mulher.

Passados três meses de descanso e bom alimento, José, o sobrinho da caseira, conseguiu assentar praça. O seu temperamento ardente e patriótico, sempre a sonhar heroicidades, contrastava com a serenidade poética de João, cuja sensibilidade artística se afirmava cada vez mais, e com a inteligência prática de Manuel, que só se interessava pelas coisas positivas, de realização imediata.

Estes três rapazes, apesar da diferença dos seus temperamentos, eram amigos sinceros ; e cada um tinha, inconscientemente, influência benéfica nos outros dois.

— Sinto-me são como um pero, João — declarou José, naquele domingo que era a véspera da sua partida para o Alentejo, onde ia despedir-se dos pais.

— Graças a Deus, como tu dizes sempre, Zé — respondeu João.

— Digo-o e penso-o — respondeu José. — E tomara que chegue o dia em que o meu regimento vá para a África.

— E se lá morreres? — tornou João.

— Morro no meu posto. Mas não creio que Deus me leve por ora. Pede por mim a Nossa Senhora, João.

Manuel olhou-os, admirado.

— O quê, tu sabes rezar, João?

Mas antes que João respondesse, apareceu, do lado das capoeiras, a figura obesa de D. Augusta, resfolegando alto:

— Irra! — exclamou ela, enquanto se aproximava dos rapazes — esta encosta puxa do peito. Olhem lá, meninos, que faz além o Ventura? — e apontou para o velho trabalhador que, sentado sobre um muro, com as pernas dependuradas, fumava o seu cachimbo ao sol.

— Ó mãe, hoje é domingo: ele está a gozar o sol!

— Ah, é domingo e ele está a gozar o sol, não é assim? E a fêriazinha quem lha paga? Madraço... — resmungou D. Augusta, mal hu-

morada. — Ó Emília — gritou depois, com voz estridente.

A velha caseira apareceu à porta de casa, trazendo na mão um livrinho de orações, de cantos coçados.

— Aqui estou, minha senhora — disse a senhora Emília com dignidade.

— Olhe lá, o Ventura costuma passar os domingos naquilo — e D. Augusta apontou o velhote, com o polegar revirado para trás.

Antes, porém, que a senhora Emília respondesse, Ventura, que ouvira a pergunta, desceu do muro e disse, respeitosamente, com certa gravidade :

— Deus fez o mundo em seis dias e ao sétimo descansou. São seis dias para trabalhar e o sétimo para se respeitar, patroa.

— Ó seu bebado ! — exclamou D. Augusta, crescendo para ele.

— Alto lá, patroa ; insultar não vale — declarou o velho, com firmeza calma.

A caseira aproximara-se dele, e, tocando-lhe no braço, disse, devagar :

— Ande lá, tio Ventura, ande lá, que eu explico tudo à senhora.

Mas D. Augusta, exasperada, virou-se para ela e gritou :

— Ande lá o quê, Emília ? Então quem manda aqui, faz favor de me dizer ? Quem é aqui a patroa, seus madraços de uma figa ?

Querem levar vida regalada à custa dos patrões, não é assim ?

— A patroa há-de desculpar, mas isso não é coisa que se diga ! — exclamou Ventura, saindo da sua calma.

A caseira, abanando a cabeça, dizia, olhando a patroa por cima dos óculos :

— Coitadinha, está fora de si...

João, pálido e enfiado, tentando acalmar a mãe, chegou-se a ela e disse, a medo :

— Deixe-o, minha Mãe, venha comigo...

Mas D. Augusta, empurrando o filho, cruzou os braços e exclamou, com violência :

— Isto vai, mas é levar uma grande volta ! Você, Ventura, acaba com a madraceira dos domingos ; em casa de meus pais tudo trabalhava a semana inteira ; os dias são todos iguais. Se não lhe convém, rua ! E você, Emília, trate de não meter asneiras na cabeça de meu filho, ouviu ? Não se me ponha a ensinar-lhe rezas e bruxedos que ele é filho de gente atilada e não precisamos cá dessas palermices.

Ventura, que trabalhava naquela quinta desde criança, afastou-se tristemente, limpando os olhos à manga da camisa. Mas a senhora Emília, cheia de indignação, disse :

— A patroa está fora de si ! e diz o que não é dado dizer. Coitadinho de quem não tem religião ; e se o seu menino me pediu para lhe ensinar o Padre Nosso mais a Avé Maria não

serei eu tão desavergonhada que negue esse pouco ao inocente !

Então D. Augusta, com um riso sarcástico, gritou :

— Só tenho pena que aqui não esteja o seu patrão para lhe pôr as coisas em pratos limpos, sua sonsa ! Pois fique sabendo — e, virando-se para o filho, pegou-lhe no braço — e tu também é bom que saibas, meu palerma, que este «santinho» nunca foi baptizado : registou-se em dia de festa, sabe ? Sexta feira de Paixão, nem mais ; e o pai comprou duas ricas galinhas para o jejum desse dia ! — e D. Augusta, virando as costas à caseira, tomou, com largas passadas, o caminho de casa.

Mas agora, no meio do silêncio triste que se seguiu, a caseira viu o pobre João encostar-se à parede, os cabelos colados à testa, as faces lívidas, o corpo trémulo... E, embora os dois amigos corressem a ampará-lo, caiu no chão completamente desmaiado.

A boa caseira levou-o para a sua cama, banhou-lhe as fontes com água fresca, pôs-lhe uma botija quente aos pés... Mas João não voltava a si.

Então a caseira, deixando-o entregue aos dois rapazes, correu a chamar os pais, tão depressa quanto lho consentiam as suas pernas, inchadas pelo reumatismo.

A cozinheira, porém, ao ouvir o que se passava, declarou, peremptória :

— Olhe, senhora Emília, o patrão inda não veio de Lisboa. E não será a filha de minha mãe que vai agora falar à patroa : t'arrenego ! Chegou aqui que parecia uma bicha ! e fechou-se no quarto a sete chaves.

— Ai que me morre o Joãozinho, senhora Ludovina ! — chorava a caseira.

Uma buzina soou na estrada, aproximando-se...

— Se calhar é o patrão... — disse a cozinheira, escutando.

Era, de facto, António José que entrava no pátio, assobiando, alegre ; e a caseira, precipitando-se ao seu encontro, gaguejou :

— Senhor Costa... Patrão...

— Ó mulher, deixe-me ! Chega um homem a casa...

— Mas é que o Joãozinho...

Qualquer coisa na voz dela o fez parar e perguntar, com impaciência :

— O que foi ? Onde está o meu filho ? Fale, Emília !

— Está na minha casa, desmaiadinho de todo, e...

Mas António José já ia, correndo, pelo atalho da horta, galgando o espaço que o separava de João.

E junto à alta cama de vinhático sobre a

qual, inanimado, estava o seu adorado filho, António José, numa ansiedade verdadeira, ouvia as explicações atabalhoadas que lhe davam José Maria e Manuel.

— A Sr.^a D. Augusta zangou-se com o Ventura...

— E disse ao João que ele não era baptizado...

— Falou dumas galinhas...

E António José olhava-os sem comprehender.

Mas a caseira, que chegava, ofegante, disse, com o seu senso prático :

— O José Maria vai a correr chamar o médico, Sr. Costa ; e o menino Manuel vai lá a baixo dizer à patroa o que é passado.

— Eu não deixo o meu filho — declarou António José, com os olhos nas faces lívidas de João.

Só tarde, pela noite adiante, conseguiu o médico que o rapazito voltasse a si.; mas diagnosticava uma provável febre cerebral, e João não poderia, sem risco de vida, ser transportado para casa dos pais.

V

António José cisma...

Perante a grave doença do filho, D. Augusta não ficara indiferente. Mas só compreendia vagamente que fora ela a causadora dessa doença ; e concluíra, de si para si, que a amizade exagerada de João pela velha caseira impressionara o coração sensível, e, segundo ela, piegas, do filho, ao ouvir os ralhos da mãe.

— Há-de passar. O pior é a febre... Eu mesma é que o hei-de tratar.

E perdera noites seguidas à sua cabeceira, ouvindo-o delirar em gritos que cortavam o coração da caseira, ajoelhada no cubículo em rezas sentidas. D. Augusta, impondo a sua vontade, queria ser ela a pôr o gelo na cabeça de João, a mudar-lhe os almofadões, a dar-lhe os remédios ; mas era desastrada por natureza,

os seus movimentos eram bruscos e a sua voz dura... Queria que se transportasse o doente para casa ; e a presença, ali, da caseira irritava-a... O médico, porém, depois duma conferência com dois colegas de Lisboa, dissera, categorico :

— Se tiram o doente daqui, morre.

E o tempo ia passando, lento e triste, deixando ver melhoras vagarosas no estado de João.

— Augusta — disse António José uma noite em que, extenuados, estavam os dois cônjuges sentados no quarto de fora. — Diz-me lá tu o que é que causou esta doença do nosso filho. Que história é essa do Ventura, das galinhas...

— Ora, adeus, homem ! Foi lá isso que causou a doença ! Tu bem sabes que eu não tenho papas na língua, isso não. É como vi o pateta do velho a cachimbar ao sol em vez de trabalhar, observei que os dias da semana eram todos iguais e que em casa dos meus pais não havia a madraceira dos Domingos. Se calhar essa treta do descanso semanal foi invenção dos padres.

— Não é nada disso, mulher ; até foi decretado pela república. Mas que disseste tu mais que tanto impressionou o rapaz ?

— Ora, o que havia de ser ? Que o petiz nunca foi baptizado, que se registou em Sexta-feira Santa, e que tu até compraste galinhas

para o jantar : aí está o que eu disse e mais nada ! — e D. Augusta riu.

António José ficou sério. Depois tornou, aborrecido :

— Que precisão tinhas tu de ir parlapatar isso tudo diante do pequeno ? Eu lho diria a seu tempo. Uma criança que é toda delicadeza... las matando o nosso filho, Augusta.

D. Augusta encolheu os ombros, desdenhosa.

— Histórias. E olha, António, que vai sendo tempo de pôr ponto nas pieguices do rapaz. Não te lembras que é um garoto de quinze anos ?! E, para mais, filho de republicanos às direitas e de ateus legítimos !

— Não berres, Augusta ! — cortou António José.

— Meu rico, as coisas têm que se dizer: e eu não estou para aqui a mentir. Então não foste tu um dos que o sindicato marcou para falar ao povo ? E um filho teu tem de ir no mesmo bote.

— Agora o que quero é vê-lo com saúde ; mais nada — respondeu, casmurro, António José.

Nessa noite nada mais disseram.

E, passados três meses, João, já convalescente, partiu para um bom Sanatório, em plena Beira Alta.

*

Preparava-se, em Lisboa, um grande comício operário onde António José devia falar.

Vendo-o cismático e mal disposto, D. Augusta perguntou-lhe :

— Olha lá, António, tens o teu discurso pronto ? Nada de águas mornas, homem.

— Deixa-me cá — respondeu ele — não estou virado para discursos agora.

— Mau, mau... Tu já terias perdido aquelas artes que tinhas para dizer tretas ao povoinho ? Mal empregado... — lamentou ela, sinceramente.

— Já avisei que desta vez não falo — tornou António José — Tanta violência, tanto ódio, e para quê, afinal ? Talvez isso faça mais mal do que bem... — murmurou ele, de si para si.

— Hom'essa ! — exclamou a mulher. — Não te faças homem de «escrúpulos», António. Vai pregando o que te mandam, homem, porque senão... pode custar-te caro. Pareces-me virado do avesso... — e D. Augusta, enjoada, saiu, batendo a porta.

Mas António José, embora não quisesse falar no comício, foi ouvir o seu colega, um seralheiro honrado e sério, pai dum rancho de filhos, e estimado por todos na fábrica onde trabalhava.

O seu discurso, porém, vibrava de conselhos violentos ; falava de represálias, de exigências, de revoltas, de greves... E concluiu descrevendo a miséria da vida operária, com a tuberculose à espreita...

António encontrou-o à saída.

— Olhe lá, ó Martins, você, em consciência, acha que há razões para greves? Você pensa tudo aquilo?...

Uma franca gargalhada foi a resposta do operário. Depois, com simplicidade, enrolando um cigarro entre os dedos, disse :

— Você bem sabe a fita do costume... A gente diz o que tem de dizer : lá o resto já não é connosco.

E os dois seguiram, de braço dado.

Mas António José começava a recordar, dia a dia, a sua vida passada... Pensava nos discursos violentos que fizera, nas greves que ajudara a organizar, nos negócios escuros com os quais enriquecera...

As notícias de João eram ótimas. E, sabendo que ele passava nos pinhais todas as tardes, António José resolveu ir à Beira surpreender o filho. Que emoção foi a sua ao reconhecer João naquele adolescente alto e magro que vinha ao seu encontro !

Na manhã seguinte à chegada do pai, João foi, logo de manhã, ao seu quarto.

— Meu Pai — começou ele, gravemente —

quando eu vim ao mundo os Pais não quiseram que eu fosse baptizado ; e não me educaram na religião de Jesus Cristo, que só ensina Bondade, Justiça, Amor...

— João, meu filho... — murmurou o pai, comovido.

— A vida sem crenças parece-me triste e vazia... Perdôe-me, querido Pai, eu ter tomado uma grave resolução sem o prevenir : mas, desde ontem... sou cristão !

Antônio José nada disse. Mas abraçou o filho com força e toda a noite passou em claro, cismando...

VI

Manhã de outono

O outono daquele ano apresentava-se lindo, com uma riqueza de cores que encantava os olhos de João, ao entrar, depois de cinco anos de ausência em terras estrangeiras, na Quinta dos Pinheiros.

A mãe morrera dois anos antes com um ataque de erisipela e António José, dominado por uma estranha neurastenia, resolvera viajar, ir, sobretudo, conhecer o grande Brasil, enquanto o filho estivesse na Alemanha e na França a estudar música.

Agora, nesta linda madrugada de Outubro, sem que ninguém o esperasse, João, alegre e sorridente, saltava o portão da Quinta como um ladrão! Sentia-se tão cheio de vida! E aquela

manhã lindíssima dava-lhe uma sensação de verdadeira felicidade.

O sol não aparecera ainda por trás da encosta ; mas já a sua luz se espalhava, doce e morna, iluminando, pouco a pouco, as quintas e os casais.

Um galo cantou, sonoro e triunfante ; e logo outros galos responderam, de perto, de longe, clamando o seu hino de alegria ao sol nascente !

João foi seguindo através da horta, devagar, aspirando com delícia o ar impregnado dos perfumes campestres. A velha fonte cantava, baixinho ; e aquele cantar, suave e monótono, trazia-lhe à memória tantos anos da sua infância, tantos incidentes da sua vida de garoto...

Já perto da abegoaria, viu que a porta estava encostada : empurrou-a, de mansinho, e logo se ergueu o vaqueiro, vagamente assustado.

Mas quando, ainda ensonado, encarou João, exclamou com alegria sincera :

— Ai que é o senhor Joãozinho ! Como há-de ficar a Ti'Mília !

— Não lhe digas nada, que eu quero aparecer - lhe de repente — recomendou João, saindo da abegoaria, depois de acariciar as três vacas turinas.

Como era cedo, na casa da caseira reinava o sossego da noite; e João foi subindo a encosta

da vinha, entre as cepas já vindimadas, cujas folhas se doiravam à medida que o sol surgia de trás da colina.

Iam acordando, agora, os ruídos da vida rural.

Os trabalhadores, enxada ao ombro, entravam pelo portão de cima largamente aberto; as vacas, com as suas vitelinhas, chegavam junto ao bebedouro, calmas e pachorrentas; as capoeiras, já abertas pela senhora Emília, povoavam-se ruidosamente, acorrendo os galináceos às portas na ânsia gulotona da primeira refeição. E, vindos do seu abrigo, corriam os imensos gansos, de bico aberto e vozes esganiçadas, para junto da porta do celeiro.

A meio da encosta, João parou e voltou-se. Queria encher os olhos com a vista das várzeas férteis, dos negros pinhais, da casaria branca semeada aqui e além, das torres das igrejas, da incomparável serra de Sintra...

Mas não foi a paisagem querida que os seus olhos fixaram, admirados: pois à porta do celeiro, logo rodeada pelos gansos, aparecia, agora, uma figura esbelta de rapariga, levando sobre os cabelos lourós um grande cesto vindimo. O vestido era de chita azul-escura, com raminhos brancos; o corpete justo, a saia rodada. E um aventalinho cor-de-rosa dava especial graça ao conjunto. João, encantado, não se cansava de a olhar, tão grave e tão séria: sim-

ples como uma camponesa, distinta como uma fidalga... Quem seria aquela rapariga?...

Desceu, depressa, a encosta. Dirigia-se para o celeiro quando ouviu as exclamações da caseira, que o reconhecera de longe.

— O menino! O meu rico Joãozinho! Como vem fero, benza-o Deus!—e João, como-vi-do, deixou-se apertar naqueles braços maternais, que tanta vez o tinham consolado em criança.

— Venha daí, patrãozinho, que hemos de conversar portas a dentro. Há tantos anos que estes meus olhos o não viam... Louvado seja o Senhor que me não levou sem que eu tivesse esta alegria!

João ansiava por ir até ao celeiro, travar conhecimento com a linda rapariga; mas teve que seguir a velhota e de escutar as notícias que ela lhe dava.

— O meu José Maria lá está ainda: e olhe o menino que já tem no peito uma medalha! Subiu ao posto de sargento e não está longe de chegar a alferes.

— Ele não me escreve há que tempos...

— As ideias dele é que não mudaram: quer vir casar com a Custódia (a garota lá da terra de quem ele sempre gostou, valha a verdade!); e depois de casado... para a África quer voltar! Deu-lhe para ali.

João perguntou então:

— E olhe lá, Tia Emília, quem é...

Mas neste momento, a porta abriu-se com impeto; e a mesma rapariga, rindo à gargalhada, entrou pela casa dentro, seguida por uma horrível gata preta.

— A gatinha está doida, minha Tia! Como eu não vou para onde ela quer, arranha-me as pernas!

Mas a senhora Emília não riu; e, repreendendo a rapariga, disse, severamente:

— Menina, tenha propósito. Não vê que está aqui o seu patrão?

A rapariga, corando até à raiz dos cabelos, murmurou, envergonhada:

— O senhor Joãozinho há-de desculpar... Eu não sabia... E a gata...

Uma gargalhada de João quebrou imediatamente o gelo; e ele, rindo, observou:

— A Tia Emília o que me não disse é quem é esta menina...

— Ora quem há-de ser? É a Maria, a irmã do José Maria. Veio para me ajudar nos trabalhos da quinta. Jeito não lhe falta, não; mas em lhe dando prà tagarelice...

— Oh, minha Tia! — protestou Maria.

— E é mesmo assim. Vamos a saber, já levaste a erva aos coelhos? Já puseste a papa da criação ao lume? Já desnataste?...

João exclamou, rindo:

— O que aí vai, Tia Emília ! Isso é trabalho demais, tem que se lhe pôr cobro...

A rapariga riu, mostrando uma enfiada de dentes brancos e sãos.

— Deixe lá patrãozinho, que eu posso bem com o trabalho. — E pegando nos dois baldes que estavam a um canto, airosa e risonha, Maria saiu.

João, seguindo-a com os olhos, teve a impressão que o quarto ficara menos claro...

— Diga lá, Joãozinho, o seu pai quando voltará do Brasil ? — perguntou a caseira.

— Deve cá estar no fim da semana, julgo eu. O meu Pai está muito mudado, Tia Emília...

— Lá isso está, menino, e é tudo prá bem, louvado seja Deus. Desde a história das bombas...

— Quais bombas ?! Não sei nada disso !

A Tia Emília escancarou os olhos, espantada.

— Pois o menino não soube nada ? O seu paizinho — e a velhota baixou a voz — tinha sido marcado pelos malvados para pôr uma tais bombas num sítio ; e eram dumas que rebentam a horas certas, matando quem lá se encontra. Mas o patrão não era tão mau como eles julgavam... Eu cá disse-o sempre ! O que ele precisava era de fechar os ouvidos às más ideias dos colegas.

João ouvia em silêncio, a cabeça encostada às duas mãos. A senhora Emília continuou :

— E quando ele soube que tinha de se encarregar dessa malandrice toda, subiu-lhe qualquer coisa à cabeça : ou foi o Espírito Santo que lhe deu luz ?

— E então ? — murmurou João.

— Foi-se a ter com os mandões e disse-lhes umas tantas coisas que eles, pela certa, não gostaram de ouvir. Parece que uma das verdades que o seu pai lhes disse foi que julgava estar metido com gente de bem ; mas que isto de matar, e pra mais, as bombas não levavam sobrescrito, era uma grande pouca vergonha, e que ele não entrava nisso. Mas o menino bem pode pensar que eles não ficaram a vê-lo com bons olhos... E o patrão correu riscos de vida em quanto cá esteve, isso correu ! Andavam por aí uns «homes» de má catadura, na vila, que não tiravam os olhos da quinta. E uma noite, em que três matulões o seguiram até ao portão, eu vi-o tão enfiado que me atrevi a dar-lhe conselhos, e disse-lhe : Vá o Sr. Costa mudar de ares. A sua senhora já não é deste mundo ; o seu filho por lá anda em terras de franceses ; vá o patrão pelos mares fora que a Ludovina e eu cá lhe olhamos pela quinta.

— Boa Tia Emília... — disse João, comovido.

— E em boa hora o patrão se meteu a ca-

minho. Aqui ninguém o sabia : só eu ! E como ele resolveu ir no balão...

— No balão ?! — gritou João, a rir.

— Eles dão-lhe outro nome, bem sei ; mas vem a ser um balão com asas — respondeu a senhora Emilia, muito digna. — Mas, como eu dizia, arranjou tudo sem ninguém saber, e... «ala que se faz tarde» : um belo dia, que é do patrão ? Veio depois um papel lá do Brasil...

— Um rádio ? — cortou João.

— Dizia que tinha chegado bem ; mais nada. E foi só nesse dia que eu apaguei a vela benta que estava acesa diante de Nossa Senhora da Conceição !

João abraçou a caseira efusivamente. Depois, pensativo, atravessou a horta fresca e dirigiu-se para casa, onde a gorda Ludovina o acolheu com alegres expansões.

À noite, no seu quarto de criança, começaram a invadi-lo recordações tristes da sua infância, naquele lar sem calor, sem alegria, sem religião...

Mas, súbitamente, toda essa tristeza se dissipou como por encanto ; e João só viu, através do seu devaneio, a figura esbelta e graciosa da loira Maria, em pé, junto à porta do celeiro...

VII

Através dos ares

Na manhã seguinte, João acordou em sobressalto: retinia aos seus ouvidos, com uma tenacidade ininterrupta e uma intensidade de som que parecia ecoar por toda a terra, um canto chilreado com requebros, e trinados, e gorjeios... Meio adormecido ainda, não percebia bem o que era; mas quando acordou de vez, escutou, com enternecido enlevo, a voz alegre duma toutinegra, uma das suas queridas companheiras doutros tempos...

Levantou-se para a espreitar; e, no ramo dum cedro, ali a viu, tão pequenina, com a cabecita preta, o corpito insignificante, o peito claro... Porém a sua voz era forte, intensa, enchendo o ar de vibrações alegres! Aquele chil-

rear triunfante era um verdadeiro hino de amor à vida !

João sentia-se inspirado ; e logo nessa manhã começou a compôr a sua projectada Sinfonia da Natureza.

Estudara harmonia e contraponto na Alemanha e em França; e já duas composições suas, apresentadas em concursos, tinham sido premiadas. Agora o seu sonho de artista era mais vasto... Queria compôr uma sinfonia para grande orquestra, através da qual se sentisse, não só o amor à Natureza, mas a imensa gratidão a Deus que tal natureza criara. Conhecia, profundamente, os motivos musicais das nossas províncias, tão ricos de melodia ; e queria introduzi-los na sua obra, harmonizando-os, como marca caracteristicamente portuguesa.

Todos os dias trabalhava na sua obra ; e parecia que a passarada da Quinta queria colaborar nela, tal era o entusiasmo com que cantavam, toda a manhã e toda a tarde !

— Sr. Joãozinho — gritou Ludovina à porta do quarto, uma manhã — aqui está uma carta «ristada» para o senhor. E olhe que tem selos que fartem !

João abriu a porta e, depois de assinar o caderno do registo, sentou-se, còmodamente, a ler a longa carta do Pai.

«Meu João» — começava António José :
«Logo que soube, pelo teu telegrama, que chegavas aos Pinheiros, tive desejos de tomar o primeiro avião que me levasse a Portugal. Estou tão ansioso por te ver... Nunca senti por ti o amor e a gratidão que hoje me dominam inteiramente. Gratidão, sim, meu filho adorador ! Não foste tu, João, que me abriste os olhos à Vida ? Foi a tua alma pura de criança, foi o teu coração simples e bom, que me fizeram sentir a falsidade das ideias que se tirham enraizado fundo no meu espírito. Não tão fundo, porém, que se não desfizessem como poeiras à luz do teu pensar ! Sou hoje um outro homem, João. E indigno-me comigo mesmo por ter passado anos — tantos anos ! — a desperdiçar a minha eloquência, a minha energia, fazendo o mal ! Porque é fazer mal pregar ódios e rancores, revoltas e destruições !»

«Hoje vejo a vida sob outro prisma : o da fraternidade cristã, que se define numa simples frase : o amor entre os homens. Porque há-de haver lutas de classes ? Todos precisamos uns dos outros ; e nas diferentes circunstâncias em que a vida coloca uns e outros, se nos ajudarmos, em vez de nos guerrearmos, desaparece esse monstro, destruidor de tudo o que há de bom no mundo : o ódio !»

«A própria natureza, a tua Apaixonada de sempre, exerce agora em mim uma influência sã

e boa. Não sou, ainda, o Crente que gostaria de ser... isso há-de vir : eu sinto-o. E leio muitos livros interessantes sobre o Cristianismo, que tão mal conheço.»

«Deves já saber, pela nossa velha Emília, que a minha mudança de pensar não passou despercebida nos meios operários ; foi tida, bem o sei agora, por uma traição ! Mas a minha lealdade foi absoluta : disse, claramente, o que pensava e o horror que me causavam as teorias que foram minhas... e hoje não posso perfilhar. E se a maioria (?) dos meus colegas se indignaram comigo, e me consideraram traidor, muitos outros há, honestos e sinceros, desejando, apenas, o «que é justo», a quem a minha mudança deu que pensar... E são esses os que talvez comparem as regalias que já hoje usufruem na sua vida de trabalho, tendo para os seus filhos Creches, Escolas, Cantinas, e as indispensáveis reformas para a velhice, com o autêntico inferno que é, em certas regiões do mundo, a triste existência de um operário !»

«Esses fazem justiça à minha lealdade. E o que é triste de pensar, João, é que o honrado operário português serve, muitas vezes, de instrumento de propaganda dissolvente aos vários elementos perniciosos que nos vêm de outras terras...»

«Tudo isto eu vejo hoje claramente, sabes ? É como uma luz viva que me ilumina. E por isso,

de agora em diante, a minha vida terá um fim :
COMPENSAR O MAL QUE FIZ.»

«Como te disse em cartas anteriores, escolhi o Brasil para fim da minha viagem : queria conhecer bem este país moderno, onde se fala a nossa língua, e «progressivo» cem por cento ! Além disso, é uma república às direitas ; e por mais que tu me fales na grandeza dos reis portugueses, e nos 8 séculos da nossa existência com eles, eu, nesse ponto, não mudo : sou republicano e disso me prezo. Tenho frequentado meios de cultura e grande interesse; tenho ido a conferências sobre assuntos sociais ; tenho lido uma imensidade de livros e revistas admiráveis. Vou daqui, podes crer, com a alma saneada, depois da crise que atravessou. É breve, mais breve do que julgas, estará contigo

o teu

Pai».

VIII

A profecia da Sr.^a Carolina

D. Joaquina, a dona da casa de penhores, emagrecia a olhos vistos : de dia para dia parecia mais amarela, mais seca. Não lhe faltava o dinheiro, porém, e a sua casa tinha entre o povo miserável do bairro uma larga e dolorosa clientela.

Tudo aceitava como penhor : lençóis rotos, guitarras sem cordas, cadeiras partidas, loiça rachada, telefonias inutilizadas... Mas os juros iam subindo de semana para semana, abusando ela das situações desesperadas dos pobres fregueses.

A vida estava sendo para ela um constante desapontamento : pois concentrara no filho todas as suas baixas ambições, e via-as cair por terra ! Manuel, operário activo e inteligente, não

queria outra situação que não fosse a de simples operário, apaixonado pelo seu trabalho; e era esse o desgosto que roía, tenazmente, a mãe.

— Ora veja vocemecê — desabafava ela com uma velha mendiga, a senhora Carolina, a quem alugava um mísero cubículo — criei o meu Manuel como um fidalgo, sem nunca lhe negar isto — e D. Joaquina fincava o polegar contra o indicador da mão direita — gastei um «ror» de dinheiro pra lhe dar «indução», pra que se fizesse banqueiro, pra que tivesse um lugar de mândão na «suciidade»! E tudo isso para quê? Anda vestido de macaco, encaixa-se o dia todo nas serralharias, e nem quer saber do «nagócio» dos penhores! — e D. Joaquina tinha lágrimas de raiva nos olhos remelosos.

— Filhos... só servem para dar desgostos! — opinou a Sr.^a Carolina, cismática.

— Vocemecê teve - os?! — perguntou a outra.

— Nunca! — exclamou a mendiga, com desdém.

— Soubesse eu — continuou D. Joaquina — onde poderá estar a fortuna do meu filho. . . Estará no «nagócio» dos penhores? Estará nas «micânicas»? Estará num casamento com a pequena do caldeireiró (que bebe os ares por ele)?

— As fortunas agora — sentenciou a senhora Carolina — estão todas no mercado negro, D. Joaquina. Fique-se com esta.

— Já lhe falei nisso ; vi jeitos de me comer !
E quer que eu feche a casa de penhores, nem mais ! Diz que o ganho dele chega pra tudo.

— E ele vem por cá muito ? — perguntou a mendiga, curiosa.

— Há mais de dezoito meses que lhe não ponho a vista em cima — respondeu a outra. — Tem uma zanga aos empréstimos que vocemecê não põe na sua ideia !

— Credo, D. Joaquina, um negócio tão bem afreguesado !

— E porquê ? Eu cá estou dentro da lei, pronto. E se, uma vez ou outra, peço mais um escudozito, ninguém o sabe senão eu !

— E eu... — disse, suavemente, a mendiga.

— Mas vocemecê cala-se; é o seu interesse.

A senhora Carolina, com um sorriso ambíguo, perguntou :

— E olhe lá, D. Joaquina, já se apegou com alguma mulher de virtude ?

D. Joaquina indignou-se.

— Eu ? Nunca gostei da religião ; vocemecê bem sabe. Livra !

— Aquilo não é bem como a religião — tornou a velha. — Eu conheço uma dessas tais que é de arromba para descobrir as coisas. Deita as cartas, corre a mão pelo pêlo do gato preto, espregueita para os olhos dum mocho que lá tem, e, às duas por três...

— Credo, mulher, que data de palermices !
— exclamou D. Joaquina.

— «Cais» palermices ! — tornou a mendiga, indignada. — A gente fica a saber tudo o que quer saber tintim por tintim !

— E quanto se paga ao estafermo ? — perguntou a penhorista, abalada.

— Dez escudozinhos.

— É caro — concluiu D. Joaquina.

A senhora Carolina tornou, persuasiva :

— Olhe, sabe ? Eu sempre gostei de obsequiar. E se quer que lhe deite as cartas, também sou muito capaz de o fazer. E paga só cinco.

— Cinco escudos ? E que é do gato preto ? E do tal mocho ?

A Sr.^a Carolina hesitou.

— Pronto, D. Joaquina : faça-lhe issò por dois e quinhentos ; vá buscar os baralhos.

D. Joaquina foi buscar umas cartas sebentas e a mendiga começou a espalhá-las sobre a mesa, enquanto recitava palavras sem nexo.

— Valete de espadas : abaladas ! Três de paus : bisnaus ! Cinco de oiros : bisoiros !

— Que quer isso dizer, mulher ? — perguntou a outra, desconfiada.

— Eu lhe explico. A fortuna do seu Manel, aqui a tem, vê ? é o az de oiros. — D. Joaquina olhou a carta com ar aparvalhado. — O az de oiros do outro baralho é que eu agora vou procurar, percebe ?

— Não — respondeu a outra.

— Pois vai perceber — continuou a mendiga, misturando as cartas, escolhendo umas, estendendo outras, tudo em grande agitação.
— Ah! — gritou ela, de repente. — Cá está ele, cá está a fortuna do seu rapaz!

— Onde, mulher? — perguntou D. Joaquina, ofegante.

A sr.^a Carolina, solene, declarou:

— Procurei-a num palácio: vê ali os dois reis de ouros? Não está lá. Procurei-a num campo (o campo são os reis de paus). Na guerra, que são as damas de espadas, também a não vejo. Agora, naquele monte de cartas miúdas, vê?

— Não entendo nada — disse D. Joaquina, com desdém.

— Não admira; nem todos entendem «espiritismos». Pois é no monte do esterco, D. Joaquina (são as cartas miúdas) que está escondida a fortuna do rapaz!

— Escondida?!

— Tal qual! Aqui a tem, nem mais nem menos! — e a senhora Carolina, triunfante, estendeu o az de oiros, entre duas unhas sujas, à atónita D. Joaquina.

— Explique lá isso melhor, criatura — pediu a penhorista, impressionada.

— A fortuna do seu Manuel está debaixo

dum monte de estrume ! Dominus vobiscos, cis-
cos e rabiscos ! — concluiu a mendiga.

— E como hei-de encontrá-la ? — tarta-
mudeou D. Joaquina.

— Vá juntando o esterco no seu sótão ;
quando o monte chegar ao tecto, de lá há-de
sair a tal fortuna ! As cartas não mentem
nunca...

E a senhora Carolina, guardando a moeda
de dois e quinhentos que a outra lhe estendia em
silêncio, saiu do quarto, deixando D. Joaquina
absorta naquela estranha profecia...

IX

O amor passou...

A volta de José Maria estava próxima ; e as suas cartas eram tão alegres e esperançosas de bom futuro que faziam bem à alma !

Iria direito ao Alentejo, estar com os pais na aldeia ; e lá o esperava, ansiosa, a sua Custódia.

Nessa aldeia alentejana, a vida rural progredia de ano para ano. E, com a fundação da Casa do Povo, onde todos, pobres e abastados, se acolhiam como a um «lar comum», formara-se um ambiente de verdadeira e encantadora fraternidade. Joaquim, o irmão de José Maria, casara havia meses ; e a alegre festa nupcial realizara-se no salão da Casa do Povo, entre músicas regionais e danças alentejanas.

A única nota triste fora a ausência de José

Maria, ainda em África, e a da senhora Emília, que não pudera deixar os Pinheiros.

João trabalhava, com afã, na sua composição. Passava horas seguidas na mata, num isolamento absoluto, a sós com a natureza, sua grande inspiradora... À noite, porém, a solidão pesava-lhe... Na frieza daquela sala sem conforto, sentia-se entristecer. E subia até à casita amarela da caseira, onde se ia habituando a passar os serões.

A senhora Emília fazia meia, ou dormitava; e Maria, junto ao velho candeeiro de azeite, passajava roupa.

João, sentado na única cadeira de verga que havia, lia ou meditava, seguindo com olhos sonhadores o fumo azulado do seu cigarro...

A paz daqueles serões constituía para ele um verdadeiro gozo; muitas vezes o seu olhar se poisava na cabeça loira de Maria, curvada sobre a costura...

Ao bater das dez horas, que o «cuco» anunciava pontualmente, a caseira tirava os óculos e dizia:

— São horas, filhos.

— Já? — murmurou João, naquela noite.

— Assim é que é dado, Sr. Joãozinho: deitar cedo e madrugar. E amanhã hemos de ter um lindo dia para o que tem de se fazer.

— Nada disso, minha Tia: chovisca e amanhã chove a potes, — disse Maria, rindo.

— Qual, menina, temos bom tempo amanhã, que os corninhos da lua lá estão viradinhos para cima !

João, absorvido nos seus pensamentos, nem parecia ouvir as explicações meteorológicas da caseira, que, habitualmente, tanto o divertiam. E foi preciso ela tocar-lhe no braço ao de leve para ele cair em si.

— Então, Sr. Joãozinho ? — insistiu a boa velhota.

João levantou-se a custo, seguindo com os olhos os movimentos de Maria, que arrumava a costura.

— Boa noite, Tia Emília ; adeus, Mariazinha... — disse ele, ficando de mão estendida à espera que Maria lhe estendesse a sua.

A rapariga, entretida ainda na arrumação, não se voltara.

— Menina ! — ralhou a senhora Emília — então não abre a porta ao patrão ?

Maria aproximou-se da porta e disse, baixo, tocando na mão de João :

— Boa noite, Sr. Joãozinho...

Mas João, fixando o seu olhar meigo no lindo rosto, prendeu nas suas mãos ambas a mão pequena de Maria, fazendo-a estremecer e corar...

A caseira, entretida a guardar a sua meia, nada viu. E Maria, com lágrimas de comoção, não tinha forças para se desprender daquela

doce pressão... João, sorrindo, pousou de leve os seus beijos na mão pequena; e quase fugindo, saiu.

— Que tens, Maria? Ficas aí de mãos a abanar, menina? Toca prà cama, que se faz tarde.

A boa caseira não adivinhara que naquele aperto de mão passava o amor expontâneo e puro: como expontâneos e puros eram aqueles dois corações.

E Maria, na sua rude cama de pinho, toda a noite pensou, alvoroçada, no seu amor nascente, sem preocupações complicadas de futuro.

Os dias que então se seguiram mais pareceram aos dois namorados sonhados do que vividos! Pois, se João trabalhava o dia inteiro, numa inspiração apaixonada e crescente, Maria nada perdera da sua actividade sã.

Ao serão, porém, no quarto modesto da caseira, ao lado do seu dormitar inconsciente, João e Maria viviam, castamente, o seu sonho de felicidade futura...

*

Chegara, enfim, um rádio de António José: o avião do Brasil devia trazê-lo, nessa mesma tarde. E João preparava-se para ir ao aerodromo no seu «Austin», quando um táxi parou em

frente do portão : e era o pai, o querido pai, que ali se apeava !

Abraçados um ao outro, numa emoção profunda, nada podiam dizer...

E João, impressionado, olhava as cãs que cobriam a cabeça do pai...

— Vês os meus cabelos brancos, João ? Só com eles me veio o juízo claro ! E hoje, que sou um velho, sinto uma alegria de viver que nunca senti quando era novo. Mas conta-me de ti, meu filho. O que pensas, o que fazes, o que sonhas, meu poeta ?—e, felizes, foram-se encaminhando para casa.

— Tenho tanto que lhe dizer... — respondeu João, hesitante.

António José tornou, enquanto se instalava no quarto do filho :

— Traço impressões novas daquele Brasil. O Rio, que maravilhosa cidade ! Fui também ao Rio Grande, convidado por um amigo: visitei propriedades imensas, exploradas magistralmente, aproveitadas, fecundas... E volto com desejos de trabalhar ao máximo para o bem da terra pátria ! Já que lhe fiz mal, quero fazer-lhe bem. A nossa fortuna é grande, João ; e com uma nova transacção que fiz há pouco, comprando e vendendo títulos, maior ficou. Quero aplicá-la em obras boas. Concordas com isso, meu filho ?

— Ó Pai — respondeu João, com simplici-

dade — as minhas ambições não são complicadas : gostaria de poder trabalhar na minha arte, de viver em pleno campo, de casar com uma rapariga boa e singela. Quero dar-lhe uma filha, Pai, rodeá-lo de netos... — acrescentou, a rir.

— Também já pensei nisso — exclamou António José. — E se tu quiseses a noiva que te escolhi (uma brasileirinha adorável e rica), há-de vir a ser feliz !

João suspirou profundamente. Calou-se um momento... Depois disse, devagar :

— Não posso fazer-lhe a vontade, meu Pai ; já escolhi a mulher com quem quero casar...

— Quem é, João, quem é ? — perguntou o pai, receoso.

Risonho e firme, João respondeu :

— Não é rica, Pai, nem fidalga ! Nem mesmo burguesa...

— Filha do povo, então ? — e a voz de António José acusou um vago desapontamento.

— Sim, meu Pai, filha do povo ! — tornou João, com certo orgulho. — São de corpo e são de alma ! Linda e boa como outra não há !

— Tinha tantos projectos para ti, João... — murmurou o pai, pensativo.

— Ó Pai — exclamou João, comovido — lembre-se da minha infância triste. As minhas aspirações são tão simples : viver na querida

terra portuguesa com a mulher que amo, num lar modesto, traduzindo em arte os meus sentimentos...

António José não respondeu às palavras do filho.

Passado um momento, perguntou, com um leve suspiro :

— Quem é essa rapariga, meu filho ?

João sorrindo, enternecido e apaixonado, disse :

— É a Maria, Pai, a sobrinha da nossa boa caseira.

— Vai buscar a tua noiva, João.

— Bem-vêtu que o João só pensava na mãe e ia andou pela estrada a estudar; tu cõp a minha da roupa, adu' estas com os galões de ganhos. E' cu' Riza me opertão estralheito e não quero outro trabalho. A minha fábrica as minhas ferramentas, tudo me dá trabalho. — E' gostas de vestir? — Não, não, não. — Se gosto! Gosto bem e todos me chamam: colgas e pãozes. Nunca fomos para a praça, ninguém se puxia nem tem fãozes para isso. E' nem pãozes, ouve certos tipos que para andam a provocar as pãozes e a des-graçar a gente e colgar. — Pãozes? Pãozes são vênholes de carinho!

Terra Pátria!

Quando José Maria enxergou a costa de Portugal, de bordo do grande vapor que vinha de África, sentiu uma alegria imensa!

Como era forte nele o amor pelo torrão sagrado da Pátria onde nascera e crescera...

Desembarcou na gare marítima de Alcântara; e logo na manhã seguinte se encaminhava para a estação fluvial, para tomar o vapor para o Alentejo, quando, no Aterro, um homem vestido de ganga lhe bateu no ombro, exclamando:

— José Maria!

Então José Maria reconheceu aquela expressão viva e inconfundível.

— És tu, Manuel?! Que fato é esse, homem? A tua mãe perdeu o que tinha?

— Nada disso— respondeu Manuel, rindo.

— Bem vêes tu que o João só pensava na música e lá andou pela estranja a estudar ; tu, com a mania da tropa, aqui estás com os galões bem ganhos. E eu ? Fiz-me operário serralheiro e não quero outro trabalho. A minha fábrica, as minhas ferramentas...

— E gostas, deveras ?

— Se gosto ! Ganho bem, e todos me estimam : colegas e patrões. Nunca fomos para a greve ; ninguém se queixa nem tem razões para isso. E nem queremos ouvir certos tipos que para aí andam a provocar as greves e a desgraçar a gente honrada, percebes ? Para cá vêm eles de carrinho !

— Sabes que me vou casar ? — tornou José Maria.

— Se calhar, é com a garota da tua terra !

— Nem podia ser senão com a minha Custódia. E tu ?

— Eu gosto duma rapariga lá da fábrica : uma jóia. Mas isto de casamentos...

— Se essa rapariga é séria, Manuel, casa com ela ; não vivas mal — disse José Maria.

— Nunca atendeu nenhum homem antes de mim. Mas casar é coisa tão complicada, Zé Maria... — e Manuel coçou a orelha.

— Não é. Casa na igreja, Manuel, um amor verdadeiro é digno disso. O registo é só uma fórmula da lei : regista-se um cão, uma licença,

uma carta, até ! Casa-te na igreja, com a benção de Deus.

— Se os colegas o sabem, riem-se de mim.

— Ri-te tu deles primeiro. A gente nunca se envergonha de fazer o que deve, Manuel. E verás, depois, a alegria dela e o descanso em que fica a tua consciência. Adeus, Manuel ! Não esqueças o que te disse.

Abraçaram-se efusivamente; e ambos sentiram que, através de tantos anos de separação, a amizade de crianças subsistia sempre viva.

Na sua aldeia, José Maria foi encontrar o que esperava : a paz e o bem-estar.

Só quando, um mês depois, chegou à Quinta dos Pinheiros, é que ele soube do noivado de João e Maria, que enchia de alegria o coração da velha caseira.

— E o teu pai que disse a isso, João ? Não preferia que casasses rico, com uma rapariga doutra classe ? — perguntou José Maria.

— O meu Pai já não é o mesmo, José Maria. E é muito amigo da futura nora, sabes ? Já lhe descobriu as qualidades raras... — e João apontou António José, que, de braço enfiado no de Maria, vinha da fonte velha a conversar com ela.

José Maria disse, convencido :

— Tu és um rapaz como não há outro ; mas olha que levas uma jóia, João !

— Ambos nós adoramos o campo, a aldeia,

a vida longe da cidade — tornou João — E queremos ter a nossa casa na Beira, na terra dos meus avós, que eram verdadeiros aldeãos. Uma casa pequenina, caiada, coberta de trepadeiras, a horta, o pomar, o jardim todo florido...

— Poeta hás-de ser sempre! — observou José Maria, rindo.

— Como vai ser boa a nossa vida, José Maria!

— E os rendimentos? — perguntou José Maria.

— Não julgues que o meu trabalho não rende! Tive já duas obras premiadas em Paris; encomendaram-me uma opereta para o Porto e deve ser bem paga. Além disso está quase acabada a minha Sinfonia, sabes?, vou mandá-la a um concurso de Bruxelas. E depois, tu bem sabes como a minha Maria é económica e boa administradora; há-de dirigir a casa com senso prático.

— Tudo isso bastará?... — perguntou José Maria.

— Não imaginas os projectos agrícolas que ela tem. Quer montar uma leitaria modelo, vendendo a manteiga; quer ter cortiços e explorar o mel...

José Maria riú com gôsto. E António José, que ouvira parte da conversa, disse:

— O velho pai lá estará, também, para aju-

dar essas empresas. Há tanta coisa em que empregar a actividade na vida rural !

Maria aproximou-se dos dois.

— Escuta, João, o teu pai e eu estivemos a combinar muita coisa. Como o José Maria volta amanhã para o Alentejo, eu vou com ele. Ainda não estive com os Pais desde que ficámos noivos !

— E nada se opõe, filhos, a que casem breve — disse o pai.

— Porque não iremos todos ao Alentejo ? Estou bem desejoso de conhecer a minha nova família ! — declarou João.

— Esqueceram a pobre velhinha... — exclamou a senhora Emília, que vinha das capoeiras.

— Quem diz isso, Tia Emília ? — e António José, batendo-lhe no ombro, observou :

— Para fazer tudo como deve ser, João, eu acho que a nossa Mariazinha deve ir agora com o irmão. E ele é que há-de levar aos pais dela a minha carta a pedi-la em casamento.

— Gostava bem mais de ir já com a minha noiva, Pai — suspirou João.

— Como o patrão diz é que é dado Sr. Joãozinho ! — sentenciou a caseira.

António José continuou :

— E quando se fizer a boda, daqui a um mês, lá iremos todos três ao Alentejo. Quem

há-de apadrinhar o seu «menino» senão a Tia Emília ?

E um mês mais tarde, nas vésperas dos dois casamentos de João e de Maria, José Maria e Custódia, lá foram para o «monte» alentejano, vasto e hospitaleiro, onde a família os acolheu com a maior alegria.

— Quando se pensa — observou António José, sentados os pais e ele, com a senhora Emília, diante da casa, em frente dos campos brancos de luar, ouvindo-se apenas, seguido e suave, o canto dos ralos — quando se pensa que há gente — e tanta ! — que nunca chega a conhecer a paz dos campos...

Joaquim, o filho mais novo, chegava da aldeia, e trazia notícias, que ouvira na telefonia da Casa do Povo.

— Em Lisboa fala-se de novas greves, — informou ele — e preparam-se coisas...

— Malvados — resmungou o pai, enchendo o cachimbo.

— Deus não dorme — disse a Sr.^a Emília, sentenciosa — e lá está para amparar os bons e castigar os maus ! — concluiu.

— E as suas sementeiras, Joaquim ? Você conseguiu transformar a terra dura e ressequida do baldio numa várzea de bom trigo ? — perguntou António José, que soubera, com vivo interesse, da iniciativa ousada do jovem lavra-

dor, alqueivando, lavrando, semeando os imensos hectares de terreno baldio concedidos pelo Estado, a seu pedido, um ano antes.

Joaquim, que as notícias ouvidas pela telefonia tinham tornado carrancudo, iluminou-se súbitamente. E, sentando-se ao pé de António José, respondeu, com mal reprimido entusiasmo:

— Ah, senhor António, aquilo parece milagre! O baldio era seco, pedregoso, só lá medrava a erva daninha e a esteva... A minha mulher, inda éramos só conversados, dizia-me: «São terras do demo, Quim! Nem a enxada lá quer entrar, homem! Meteste-te em boa quando pediste para semear o baldio... E vais ficar mal.» Mas eu... deixava-a falar. Tinha cá a ideia que era tudo questão de braço e suor: e dei para ali o que pude, senhor António!

— E então?...

— Se vocemecê visse, a princípio, o que eu trabalhei... Ia dando cabo de mim, e mal dormia, a pensar no baldio. Mas olhe o senhor que a terra é Mãe, nunca é madrastra... E quando, depois de muita canseira e de muito suar, eu lhe fui deitar a semente, enquanto atirava com o trigo para os sulcos fundos e bem lavrados, sentia uma alegria tão grande que nem lha sei explicar...

— E agora? — perguntou António José. Joaquim continuou:

— Quando lá formos amanhã, senhor An-

tônio, vocemecê vai ver o meu trigo abençoado: a crescer, a medrar, a aloirar !... — e o rapaz sorria satisfeito.

Antônio José olhou-o com simpatia : como se sentia nele o amor à terra ! O amor, também, ao trabalho duro de a tornar fecunda, esse mesmo trabalho com que através dos séculos o Homem cava, lavra e semeia...

E, naquela paz dos campos e dos espíritos, os ralos continuavam o seu canto igual e ininterrupto...

Na manhã seguinte, Antônio José foi ver a seara de Joaquim.

Com o chapéu desabado sobre a nuca, a testa coberta de camarinhas de suor, as mangas da camisa arregaçadas acima do cotovelo, Joaquim, com as mãos apoiadas sobre o cajado, mostrava a sua seara. E contou a Antônio José a história daquele baldio.

Pusera ali, não só o seu trabalho violento e rude, mas a sua força de vontade, o seu brio, o seu entusiasmo ; e o seu saber também. Consultara o pai e outros lavradores, cuja ciência primitiva era feita da prática de muitos anos. Mas o pai, como os outros, rotineiros e teimosos nas suas opiniões, não concordava naquela empresa em que o rapaz se metia, arriscando tanta despesa, tanto tempo, tanto trabalho. E o pai repetia-lhe : «A terra do baldio não pode dar pão : fica-te ali o dinheiro e a saúde.»

Mas Joaquim não ouviu os conselhos dos velhos lavradores ; e agarrando-se aos livros da Biblioteca da Casa do Povo, às revistas agrícolas, e a todas as publicações que tratavam da cultura do trigo, convenceu-se que a razão estava do seu lado. Corajosamente, meteu ombros à grande empresa. Chamou outros homens para com ele fazerem a primeira cava ; e foi bem com o suor dos seus rostos que as enxadas quebraram a rigidez daquela terra... E ao fim de meses, trabalhando de sol a sol, já a cor do solo era outra. O terreno fora-lhe cedido em Junho do ano anterior ; e durante todo esse verão Joaquim preparara cuidadosamente a terra para, em Setembro, poder alqueivá-la e abrir-lhe valas. Juntava numa nitreira coberta, bem abrigada das chuvas, todo o estrume que podia, não só o do gado, que o pai lhe cedia de boa vontade, mas todo o mato seco, as ervas, as folhas e os bagaços da uva e da azeitona. Bem fermentado todo este estrume era precioso.

Quando chegou o mês de Novembro, Joaquim meteu a charrua pela primeira vez ; e à medida que os sulcos se iam abrindo, o seu coração dilatava-se cheio de pura alegria !

O pai abanava a cabeça, desconfiado... «Mal empregada semente...» — dizia ele teimosamente.

Mas o rapaz depois de dar à semente todos os cuidados, secando-a, desinfectando-a até,

lançou-a, com o gesto largo e secular, confiante, nos sulcos que a sua charrua abrira. E certo da vitória, exclamara :

— À graça de Deus meu Pai !

Parecia, realmente, que à graça de Deus entrara naquela terra ! E agora, em pleno mês de Maio, o trigo nascente ia já cobrindo o terreno como um manto verdejante...

António José, comovido com o entusiasmo de Joaquim, abraçou-o e disse apenas :

— Abençoado trabalho o seu, Joaquim !

XI

Na aldeia

Tinham-se realizado no mesmo dia, em pleno Maio alegre e florido, os dois casamentos.

O bom abade daquela aldeia enchera de flores a modesta igrejinha ; e à cerimónia tinham vindo assistir muitos antigos companheiros de José Maria. Só Manuel, absorvido por trabalho intenso, não pudera vir.

E, a seguir ao casamento, todos se reuniram na Casa do Povo, onde os esperava um lauto banquete à alentejana, com as iguarias saborosas daquela província.

À excepção dos que não eram alentejanos e dos que iam fardados, todos se apresentaram com os seus fatos regionais, tão sóbrios de linha e de cor ; e a dança que se seguiu ao banquete era acompanhada pela alegre banda da aldeia.

Não se ouviam as dissonâncias do moderno «jazz-band», nem os ritmos exóticos dos «sambas» e das «rumbas» !

— Tudo é português de lei no nosso casamento ! — dizia José Maria, rindo.

— Como todos os corações que aqui estão ! — concluiu João.

António José partira, naquela mesma tarde, para a Beira, para aquela mesma aldeia donde saíra trinta anos antes...

Queria preparar ali a instalação dos seus filhos, arranjar para o seu João a «casita caiada e modesta» dos seus sonhos.

E, ao descer da camioneta que agora substituiu a velha diligência, sentiu uma grande comoção.

Dali saíra, aos quinze anos, criança inexperiente e ignorante, obcecada pelas teorias demolidoras do boticário : Pátria, Religião, Família, essas três coisas que ele sempre vira respeitar entre a sua gente, como o pernicioso farmacêutico soubera amesquinhá-las no seu espírito infantil ! Espírito maleável como cera mole, que se impregnara de maus conceitos e perdera, rapidamente, a influência benéfica da tradição portuguesa.

Hoje, porém, ao voltar à terra da sua infância, doces reminiscências invadiam o coração de António José.

— Não há por aí ninguém da família do

Costa herbanário ? — perguntou ele ao «chauffeur» da camioneta.

Mas o homem, indiferente, abanou com a cabeça. Porém, um velhote que descera também, disse :

— O herbanário morreu há-de haver uns cinco anos. E o Costa cavador, que era o filho, também se foi desta para melhor há bom tempo. Agora o filho desse tal saiu de cá ainda garoto e consta que lá pra Lisboa se tornou um bom malandro — concluiu.

António José tornou :

— E oiça lá, já teria morrido um moleiro velho que era tio desses, e vivia lá em baixo ao pé da Azenha ?

O homem, com riso de simpatia, respondeu:

— Pois saiba vocemecê que inda é vivo ! Se bem que deve andar perto dos noventa. O senhor conhece-o ?

— Conheci-o quando era garoto ; e sempre gostava de o tornar a ver.

— Então siga vocemecê por aquela azinhaga...

— O caminho sei eu, muito obrigado — cortou António José, entrando na estreita e pedregosa azinhaga, entre silvas onde as amoras punham notas pretas e luzidas. Uma grande olaia, que ali estendia os seus ramos vestidos de roxo, estava a meio do caminho ; e António José pensou : Quantas vezes trepei eu àquela

olaia... Eu estou hoje velho e cansado, e a olaia continua linda, a florir todas as primaveras...

Surgia agora, quase à beira do caminho, uma casa branca, com vasos de craveiros floridos; e, sentado à porta, sobre um banco tosco, gozando o resto de sol daquela tarde, estava um velho, com as duas mãos apoiadas sobre um cajado grosso.

Ao ver aproximar-se um homem, o velho, admirado, ergueu-se; e a sua alta figura, a cara bem escanhoadada, o seu aspecto asseado, infundiam respeito.

— Que deseja? — perguntou ele, depois de corresponder às «boas tardes» de António José.

— O senhor é o Tio Francisco Costa, bem sei; e falou-me muito de si um rapaz que conheci em Lisboa... — O velho franziu, de leve, o sobrolho, mas nada disse. — O rapaz era daqui. E tinha pena de não ter seguido os seus conselhos...

— Isto de conselhos — observou o velho — de pouco servem: quem os escuta?

— Escutam-se os maus — disse António José, tristemente — e sucedeu isso a esse rapaz... Sabe de quem falo, Tio Francisco?

— Talvez... — murmurou o velho.

— O seu sobrinho António José não era mau, creia... — O velho fitou com intensidade o rosto do seu interlocutor; mas como reconhecer nele o rapazito que dali saíra trinta anos

atrás? António José continuou: — A vida do rapaz não foi feliz. Meteu-se em toda a casta de negócios pouco limpos, abandonou de todo a religião de seus pais...

— Desgraçado... — murmurou o Tio Francisco, sentando-se.

— Entrou para o meio dessas turbas que andam a prègar as ideias novas...

— Para que me vem o senhor contar isso tudo? O meu sobrinho morreu para mim.

— Não, Tio Francisco, o seu sobrinho não morreu para si. Um dia... chegou-lhe o juízo! E hoje é um homem honesto e vendo claro; renega, em absoluto, as ideias que pregou!

— Louvado seja Deus Nosso Senhor — disse o velho.

— Tio Francisco — tornou António José — abrace-me, sim? Eu sou o seu sobrinho.

E os dois homens, comovidos, abraçaram-se.

— Quando daqui saíste — disse o Tio Francisco — ias desnortado de todo... Mas o malvado do boticário da vila teve morte desgraçada, sabes? Foi castigo de Deus. Coberto de pústulas, ninguém queria tratá-lo, tão mau era. E morreu como um cão, a insultar toda a gente...

— Eu levava o coração empedernido: nem uma lágrima deitei...

— Casaste? — perguntou o velho.

— Registei-me; e gostava da minha mu-

lher. Mas só pensávamos em enriquecer ; nada mais contava na nossa vida. E tenho um filho, Tio Francisco — e o semblante do antigo operário iluminou-se com a lembrança de João — esse filho tem a alma dum anjo ! Foi ele, foi o seu espírito cristão, que me fez ver a vida como ela é e deve ser.

— Ainda bem — disse o Tio Francisco.

— O meu João casou agora, com uma rapariga que é uma jóia.

— Onde estão ? — perguntou o velho, com interesse.

— Querem vir viver na aldeia ; nesta aldeia, meu Tio, aqui mesmo...

— Está-se mais perto de Deus, no campo ; mais longe das ambições vãs...

Interrompeu-se o velho para se levantar, serenamente, de chapéu na mão. A sua figura, muito direita, destacava-se no azul arroxeadado do céu ; e António José sentia-se invadido, ao vê-lo, por um profundo respeito. Parecia-lhe ver ali representada a velha raça portuguesa, agarrada às suas crenças e às suas tradições...

Os sinos das aldeias próximas começavam, melodiosos, a tocar as Trindades. E António José revia, tantos anos atrás, a figurinha de João, na encosta da Quinta dos Pinheiros, dizendo-lhe, com a sua voz de criança : « Chamava-se dantes a hora das Avé Marias... »

Passado um longo momento, o velho disse, pondo-lhe a mão no ombro :

— A minha casa é pequena, António José ; mas aqui os agasalharei a todos enquanto não acharem coisa melhor.

E os dois homens entraram na pequena casa branca, onde a alfazema das arcas e o alecrim num pote de barro punham um aroma vago de tempos passados...

XII

Sinos alegres !

A roda da Azenha girava com pressa, fazendo cair, luminosa e fresca, em jorros de espuma imaculada, a água da ribeira.

Tinha passado um ano já, desde que, na plena felicidade do seu amor, João e Maria haviam chegado à Beira, acolhidos calorosamente pelo Tio Francisco.

E o bom do velho parecia remoçar, ao ver-se rodeado de carinhos e cuidados ! Grande fôra, pois, o seu desgosto, quando António José se decidira a comprar os terrenos anexos à Azenha e a construir ali uma casa para os filhos.

— Assim me deixam... — suspirou ele, tristemente.

— Como quer o Tio que caibamos todos na sua casa, agora que a família vai aumentar ?

— replicou António José. — Nunca estará sozinho ; eu lho prometo.

E foi no novo «Casal das Rosas» que nasceu o filho de João e Maria.

Como viviam felizes aquelas cinco criaturas... Muitas vezes António José ia sentar-se na margem da ribeira, sob os ramos do chorão que ali se banhava, e pensava, vendo a água límpida correr sobre as pedras : «Quando não falta a saúde e o amor... a Vida é tão simples de gozar... Mas quanta gente portuguesa há que não sabe, ou não quer, dar valor ao que ela tem de bom... Os do campo anseiam pela cidade, desprezando a terra e os seus trabalhos ; os da cidade só pensam na ganância, na política, no luxo... E a nossa linda terra vai carecendo de braços que a aproveitem e a tornem fecunda...»

António José tinha razão. Não havia ainda em Portugal baldios por cultivar? Léguas de espaço desabitado? Serras quase desconhecidas?

No meio das suas cogitações, recordava, cheio de remorsos, os anos que passara a espalhar ideias que destruíam, brutalmente, crenças e tradições na alma do povo. Fôra como o joio nefasto, que se desenvolve nas searas de trigo puro...

— Meu pai — gritou João, aproximando-se dele, trazendo nos braços o filhito dum mês — o seu neto já se ri !

E, de facto, a boquita desdentada da criança abria-se num sorriso vago.

— Vamos baptizá-lo para a semana, Pai. Os avós do Alentejo e a Tia Emília querem vir todos ao baptizado !

António José olhou o neto com ternura ; beijou levemente as faces assetinadas e disse, pensativo :

— Sim, João, vamos baptizá-lo. E esse baptizado tem de ser festivo, solene, com sinos fortes a repicar... Com a entrada do neto na Igreja não entra também o avô, arrependido e convencido ? — João, comovido, nada disse ; e o pai continuou : — Não há direito, bem o compreendo hoje, de fechar a uma alminha como esta o mundo da Fé, da Esperança... Se mais tarde quiser sair, é sua a responsabilidade.

Mas não puderam o pai e o filho continuar a conversar ; pois ao seu encontro vinha um alegre grupo : José Maria e Custódia precediam os pais e a boa Tia Emília, que erguia os braços numa expansão espectacular.

— Oram vivam os meus senhores mais o anjinho, que não há quem logre vê-los ! — exclamou ela, estreitando João contra o peito, depois da criança ter passado, prudentemente, para os braços da mãe.

— E tu, José Maria, voltas para África ? — perguntou António José, com amigo interesse.

— Volto, Sr. Costa, e a Custódia vai comigo!

Foi um grito geral.

— O quê? Tu, Custódia?! As mulheres dos soldados não vão! Que ideia!

— Vai com o seu homem, vai bem — sentenciou a caseira.

— E é provável que eu fique por lá em acabando o meu tempo — disse José Maria.

— Guerras e mais guerras... — suspirou Maria.

— Quem fala em guerras, Maria? Há muitas maneiras de trabalhar em África para portugueses — disse o irmão. — E a África para nós é também Portugal.

— Mas quais são as tuas ideias? — perguntou João.

— Tu sabes, o Estado favorece muito os casais que querem fixar-se em África. E porque não havemos de nos instalar numa boa região, e lá trabalhar?

— Vamos merendar! — lembrou Maria; e todos se encaminharam para casa.

*

Raiou alegre e soalheira, daí a dois dias, a manhã do baptizado do Antoninho, que a avó levava nos braços.

O sino grande da torre, por especial desejo

de António José, não parava de badalar, grave, solene, forte, em honra do neófito que a Igreja ia receber. E os dois sinos pequenos, estridentes e festivos, punham a sua nota de júbilo no carilhão.

O padre era velhinho e respeitável; o sacristão um rapazito de onze anos, de olhar meigo e inocente.

António José era o padrinho do seu neto, com a avó alentejana por madrinha; e as suas mãos rudes de operário tremiam ao segurar a vela de cera... Tinha pedido ao filho, dias antes, que lhe explicasse o sentido do Baptismo; a significação dos vários símbolos, a razão dos gestos e das palavras rituais. E, na plena consciência das responsabilidades que tomava, levando o neto à pia baptismal, pronunciou com voz firme as frases sacramentais.

— Como tudo é interessante neste sacramento — observou ele ao filho — o sal, símbolo da sabedoria; a água natural, lavando a alma do pecado original; as promessas dos padrinhos em nome da criancinha inconsciente...

Saíram da igreja contentes, ao som do repicar dos sinos.

No largo da aldeia, em frente duma casa baixa, um grupo de homens e mulheres discutia acaloradamente, com vozes avinhadas e grosseiras.

— Ali mora o regedor — informou o Tio Francisco — e é lá que se fazem os registos.

Neste momento, saía da casa uma mulher com uma criança ao colo, gritando :

— Pouca vergonha ! Seu bruto ! — enquanto o regedor, rindo a bom rir, aparecia à porta da casa com outros homens.

— Olhem-me aquela cabrita ! — chasqueava o regedor, apontando a mulher. — Lá porque eu lhe disse que o preço do registo do fedelho era o mesmo do que para um cão...

— Vai danada ! — troçou um dos homens, rindo à gargalhada.

— É a criança inocente assim é criada sem que a benção do Senhor caia em cima dela... — disse a Tia Emília.

António seguia pensativo e calado.

Também ele desprezara a cerimónia tocante que, havia séculos, unia os cristãos num ideal comum de Amor e Justiça...

João, adivinhando, talvez, os pensamentos do pai, passou o seu braço no dele e disse, alegremente :

— E há, de hoje em diante, mais um cristãozinho em terra portuguesa !

XIII

Os planos de António José



A vida na Azenha retomara o seu curso habitual ; mas a senhora Emília ainda se demorava uns dias a matar saudades com os queridos sobrinhos.

Depois de longos colóquios com o Tio Francisco, cujo espírito ponderado e sensato ele muito apreciava, António José tomara resoluções importantes. E uma noite, estando todos reunidos, ao serão, em volta da mesa, declarou :

— Tantos anos passei a pregar falsidades que estou resolvido a expiar !

Os filhos entreolharam-se, admirados : iria o Pai fazer-se frade ?!

António José, bem humorado, continuou :

— Olhem que quando eu digo expiar não é

num sentido figurado, filhos ! Nada disso. Pretendo expiar o mal que fiz.

A senhora Emília, sem bem compreender as palavras dele, observou :

— Eu cá o que sempre disse e hei-de dizer, enquanto tiver boca pra falar, é que o Sr. Costa é um homem bom, e bom como há poucos.

— Explica-lhes as tuas tenções, António José, que eu, por mim, aprovo-as : tu bem o sabes — disse o velho moleiro, gravemente.

— Então, oiçam, filhos : tanto mais que os meus planos não deixam de os prejudicar, financeiramente — tornou António José.

— Ó Pai, nisso não pense — cortou João.

— Sim, João, não quero iludir-vos. Pois não posso realizar os meus planos senão... sacrificando para isso uma parte, uma grande parte mesmo, da minha fortuna. E embora seja em benefício dos pobres...

— Quem dá aos pobres, empresta a Deus — observou a Sr.^a Emília.

— Não quero, no entanto, que tenham surpresas desagradáveis depois da minha morte — continuou António José. — Uma das minhas ideias, que considero até um dever, é combater de maneira eficaz, naquela vila onde mais exerci a minha detestável influência, os resultados dessa má influência.

— Mas como, Pai ? — perguntou Maria.

— Já para isso não bastam conselhos, nem

obras de beneficência—respondeu o pai—Pensa-se em estabelecer lá uma Casa do Povo; e eu dedicar-me-ei a essa organização: com dinheiro, com trabalho, com entusiasmo! Tratarei, aproveitando a influência que ainda me resta, de tornar essa Casa do Povo (à semelhança de outras, espalhadas por muitas terras portuguesas) o centro de tudo o que possa ser bom e útil para o povo da região. Queria que essa Casa do Povo fosse de todas a mais completa, a mais acolhedora, a mais apreciada, por trabalhadores e proprietários.

— Infelizmente, Pai, nem todos compreendem bem esse sentido, sabe? — observou João.

— Bem sei, filho. E não sou eu, o antigo espírito demolidor, que devo admirar-me. Mas nada se faz sem preparo: e o povo tem sempre (eu bem o sei...) de ser preparado, até para os benefícios que se lhe quer dar.

João tornou:

— O nosso povo, que é tudo o que há de melhor, em todo o sentido da palavra, é, contudo, desconfiado, às vezes. Custa-lhe a convencer-se de que é pelo seu bem que se trabalha; não acha isso, Pai?

— Tantas vezes se lhes fez ver o contrário...—respondeu o pai—Mas vamos ao nosso caso. A minha ideia principal é esta: em lugar de DEMOLIR, como eu fiz, CONSTRUIR!

Mas construir BEM, sobre os alicerces sólidos e seculares da moral cristã.

— Como o Pai é bom ! — exclamou Maria, comovida.

António José continuou :

— Hoje, digo-lhes isto com a mais absoluta convicção, considero a moral cristã como sendo a ÚNICA directriz para povos ocidentais.

— O senhor Costa sabe dizer coisas que a gente não entende ; mas o coração sente que são como Escrituras ! — disse a velha caseira, pensativa.

— A quantas conclusões o Pai chegou nestes últimos anos... — observou João.

— Tens razão. O que li, o que ouvi, o que observei, o que estudei cuidadosamente, tudo isso transformou, em absoluto, o meu espírito : sou outro homem. E a longa experiência, bem vês, ajudou a essa transformação. Fui operário, fui negociante, fui proprietário ; falei em comícios, embrenhei-me no espírito revolucionário da classe proletária, tu sabes tudo isso, João. E só agora, depois de tantos anos, vejo o verdadeiro sentido da Vida !— António José calou-se ; e todos respeitaram o seu silêncio.— Mas não é só a Casa do Povo que me interessa — tornou ele. — Eu vou fundar na Quinta dos Pinheiros uma grande Obra para crianças e adolescentes. Há-de haver uma Creche para os bebés, mas só para os que não têm as mães em casa ; vi uma,

no Rio de Janeiro, que é um encanto ! E outra, nos arredores de Paris, organizada pela «Entr'aide des Femmes Françaises», que também pode servir de modelo para a nossa.

— Vai ser uma alegria ter a Quinta cheia de pequenada ! — disse Maria.

— E, ao lado dessa Creche, tem de ficar o Jardim de Infância, com jogos educativos, cantos, danças de roda, o diacho a quatro ! — e António José riu satisfeito.

— Eu bem digo, eu bem digo... — meteu a caseira, com a sua bonomia.

— Mas não fico por aí, é claro ! Quando a garotada chega aos sete não há-de continuar no b-á-bá do Jardim de Infância. Teremos, então, as Escolas, modernas, higiênicas, estupendas ; e as Casas de Trabalho para rapazes e raparigas.

João exclamou, com entusiasmo :

— Ó Pai, tudo isso é maravilhoso !

— Até aqui, filhos, ainda não falei da tal expiação ! — continuou o pai, a rir — mas lá chegamos agora. Quero ser eu, além dos outros mestres, já se vê, eu próprio, a ensinar na oficina dos rapazes : serralharia e carpintaria.

— O senhor já não tem forças para tanto — disse a Sr.^a Emília.

— Qual não tenho ! — protestou ele — tenho de as ter, ora essa !

— Nós deveríamos tomar parte nas suas obras, Pai — observou Maria.

António José sorridente, respondeu :

— Criem os seus filhos com saúde, eduquem-nos cristãmente, inculquem neles o amor da Terra Pátria... e já terão feito muita coisa boa, Maria.

— Não esqueças nessas Escolas as aulas de agricultura prática, António José. Fazer dos rapazes bons hortelões, bons cavadores... — lembrou o Tio Francisco, levantando os olhos do seu jornal. O velho moleiro, porém, antes que o sobrinho lhe respondesse, firmava a vista numa coluna do jornal ; e disse, apontando umas linhas : — Vem aqui uma notícia interessante : um simples operário serralheiro, de Lisboa, acaba de inventar um maquinismo que deve ter influência na aviação !

— Como se chama o rapaz ? — perguntou António José.

— Olha, Mariazinha — tornou o moleiro — lê tu, que tens bons olhos.

E Maria leu alto a notícia :

«O jovem inventor não tem pai nem mãe. Do pai, de resto, nada se sabe ; e a mãe, antiga dona duma casa de penhores do bairro de Alfama, foi encontrada morta, há meses, com a cabeça

deitada sobre um monte de lixo !
Consta no bairro que uma mendiga, de nome Carolina, não é estranha a essa morte : mas o rapaz pediu para se desistir de esclarecer tão macabro assunto. Parece que o jovem inventor...»

— Não disseste o nome dele, Maria, mas é, com certeza, o nosso Manuel !— exclamou João.

— Lê o resto, Mariazinha — pediu o pai.

Maria leu :

«Parece que o rapaz podia viver de bons rendimentos, se quisesse ; mas só o interessa ser operário».

— Que esquisita morte a da mãe ! — observou António José, pegando no jornal. — E cá vem o nome dele, bem claro : Manuel Pires.

— Eu nunca gostei da D. Joaquina — disse João — e o pobre Manuel até se envergonnava do que ela dizia e fazia.

— Era uma criatura sem bondade — comentou o pai.

E os pensamentos de todos, naquela noite, foram para o irrequieto Manuel doutros tempos que, mercê da sua inteligência e do seu trabalho, acabava de conquistar um lugar tão alto na sua terra !

XIV

Velhos amigos

E António José partira para Lisboa, a preparar tudo para a realização dos seus planos. Queria, também, conhecer as organizações modernas, falar com as entidades que delas se ocupavam, saber quais eram as várias participações do Estado nas Casas do Povo, etc., etc..

Precisava ainda, e isso era, sem dúvida, muito importante, de preparar e calcular os seus rendimentos, o seu capital disponível, para melhor avaliar das grandes despesas que as suas Obras sociais iam causar.

Lembrou-se dum seu antigo amigo de garoto, com quem passara anos no mesmo emprego, e cujo carácter recto o impressionara sempre muito, embora as ideias de ambos, nesse tempo, fossem divergentes em tudo...

Ao vê-lo enveredar pelo caminho revolucionário, José Marques, que se dedicara à indústria de lanifícios, separara-se de António José.

Ainda no tempo em que D. Augusta vivia, os dois amigos tinham-se encontrado no comboio de Sintra ; e o industrial, cuja situação era das mais prósperas, fizera ver ao amigo quanto era pernicioso e grave espalhar ideias derrotistas e demolidoras entre o operariado... António José irritara-se com ele, chamando-lhe retrógrado e comodista. E nunca mais se tinham visto.

Se fosse procurá-lo ? Se lhe fizesse a confissão dos seus erros ? Mais do que isso : se lhe descrevesse os seus projectos e lhe pedisse os seus conselhos ?

Tinha a impressão que só bem lhe viria de novo encontro com aquele homem tão probo, cuja maneira de pensar era, hoje, semelhante à sua. E, do hotel onde se hospedara, telefonou a José Marques, que morava em casa sua na Junqueira.

Mas o industrial não estava em casa ; e uma simpática voz de mulher disse :

— Pelas seis da tarde, meu irmão está de volta. Quem fala daí ?

António José hesitou... Depois disse, simplesmente :

— Um amigo... Um velho amigo — e desligou.

E à tarde, depois das seis, António José foi a casa de José Marques.

Logo à entrada teve uma impressão de conforto e estabilidade ; e uma criadita bem posta, embora sem pretensões, introduziu-o num escritório, onde se lhe deparou um quadro encantador : uma pequenita de quatro anos estava sentada no colo de José Marques, diante dum enorme livro de estampas. Como, porém, José Marques olhasse para a porta, e sorrisse ao seu amigo, a tirânica pequena pegou-lhe na cara com as duas mãozitas e gritou :

— E depois, Avô ?

— És tu, António ?! Que gôsto me dás, meu amigo ! — e, por cima da cabeça loira da neta, o industrial estendeu-lhe ambas as mãos.

António José sentou-se a seu lado, apesar dos olhares severos da pequenita, que queria o avô só para si.

— É a filhinha do teu filho, José ?

José Marques levantou-se e levou a linda criança para fora do escritório.

— Não soubeste o que sucedeu ao meu pobre Alberto, o pai da minha neta ? — perguntou, sentando-se ao pé do amigo.

— Nunca ouvi dizer nada.

— Foi horrível... O Alberto era um dos contra-mestres da nossa fábrica da Beira. Um

operário que entrou de novo, vindo não sei de onde, deu-lhe uma facada nas costas !

— E o teu filho morreu ?

— Morreu... A minha nora e a pequenina ficaram cá em casa. E se tu soubesses o que era o Alberto ! Vivia a pensar no bem dos operários... E eles adoravam-no todos. Foi horrível, António.

— E porque é que esse homem o matou ?

— Por nada. Ódio. Inveja. Raiva contra o patrão... Agora, diz-me : porque te lembraste de me procurar ? Gosto tanto de te ver...

— E vais gostar de me ouvir, José — respondeu António José.

Então os dois amigos encetaram uma longa conversa em que António José, com a mais completa franqueza, abriu o seu coração.

— Em boa hora tu viste claro ; mas não te escondo que a tua mudança de pensar foi como uma pedra que caísse num lago sereno... F no grupo a que pertencias... chegou a planear-se a tua morte, António.

— Se eu tivesse ficado em Portugal, talvez já não fosse deste mundo — respondeu António José, pensativo.

— Tu bem sabes que nesse meio, que era o teu, não se perdoa uma deserção...

— Não foi uma deserção, José. Foi uma convicção...

— Para eles era o abandono do partido :

passaste para o lado oposto. E não tenhas ilusões, António: só se não puderem é que não hão-de tentar dar cabo de ti!

— É possível. E, sabes? tenho pena; porque os meus projectos são bons...

— Conta-me tudo, António. E porque não hás-de ficar para jantar? A minha irmã Berta e a minha nora vão gostar de te conhecer. Ficas?

— Pois sim, José, aceito.

E até ao jantar estiveram os dois amigos, discutindo e estudando os planos magníficos de António José.

O jantar foi agradável, numa simplicidade onde já havia um relativo requinte; a presença das duas senhoras e da pequenita tornava o ambiente menos severo.

— O Sr. Costa tem algum neto? — perguntou Berta, cujos quarenta anos eram, ainda, cheios de frescura.

— Tenho um só, minha senhora: um encanto de bebé! Baptizou-se há dias, na minha aldeia, ao som do repicar dos sinos, e fui eu o padrinho!

Berta olhou-o admirada, pois sabia, pelo irmão, que as ideias do seu amigo estavam longe de ser cristãs.

José Marques, a rir, observou:

— E era este o ateu inveterado!

— Nunca é tarde para a «ovelha desgarrada» voltar ao redil — disse Berta.

— Muitas vezes eu lamentava, António, que tu fosses a «ovelha desgarrada»! — disse José Marques.

— Até eu rezei por si, não sei se sabe! — disse Berta, rindo.

— Se queres que te diga, António, eu esperei sempre a tua volta.

— Levo a minha alma aquecida por este acolhimento, José! — e António José, depois dum agradável serão em família, despediu-se dos seus amigos

XV

Ódio na sombra...

José Marques, que a conversão de António José enchia de alegria, estava interessadíssimo na realização daqueles projectos admiráveis. E para mais os facilitar pusera o amigo em comunicação directa com entidades que se ocupavam de Assistência, Previdência social, e outros assuntos semelhantes.

Já em Lisboa se falava daquele antigo operário metalúrgico, rico e activo, que tão vastas e úteis obras projectava realizar. Inteligência, energia e fortuna, eram os agentes preciosos de António José: quantos benefícios não poderiam produzir esses valiosos agentes!

E as Obras Sociais da Quinta dos Pinheiros começaram daí a pouco tempo. A pequena população da vila andava agitada: habi-

tuada, até ali, a conhecer o dono dos Pinheiros como um dos elementos demolidores das antigas crenças e tradições, não compreendia, claramente, o que se estava passando em volta daquelas obras... Operários e trabalhadores rurais falavam uns com os outros, e comentavam largamente os factos. Uns diziam :

— Parece que vai haver uma capela...

— Hom'essa, então o patrão já vai à bola com capelas ?...

— A caseira contou-me do «baltizado» do petiz, sabem vocemecês ? Aquilo foi de arromba, com padre e sacrista, e sinos a tocar : o diabo !

— O patrão está viradinho do avesso, lá isso está...

— E o avesso é melhor qu'ò direito..

— Bom homem foi ele sempre ; lá isso...

— Aquilo era, também, o demo da patroa. Não podia ouvir falar nas coisas da religião ! E, afinal, a religião que mal faz ?

— Eu cá, com ela fui nado e criado E nunca vi que ela não desse bons conselhos: não roubar, não matar, não «alivantar» falsos testemunhos...

— Os meus filhos estão todos baptizados : a gente sempre é diferente dos animais, não é assim ?

As obras progrediam rapidamente. E, passados uns meses, começavam, também, as da

Casa do Povo, obra do Estado, para a qual António José dava um enorme contingente em dinheiro.

Comprara ele um vasto terreno, parte duma antiga quinta ; e a planta, feita por um architecto moderno, enchia-o de entusiasmo !

Haveria um largo apêndice em frente da casa, e, além dum teatro-cinema, os sócios teriam belas salas, de jogos e de leitura, um elegante refeitório, um ginásio, um pequeno posto médico bem apetrechado, etc., etc.. Seria uma obra muito completa, em todo o sentido.

— O meu sonho realiza-se ! — dizia António José, radiante.

— Isto vai custar um rôr de dinheiro, patrão — comentava a caseira.

— Não é só do meu, Tia Emília ; mas ainda bem que o ganhei para isso — respondeu ele, risonho. — Quem me diria o destino que os meus ganhos viriam a ter ?

— Nosso Senhor escreve direito por linhas tortas, Sr. Costa — concluiu a caseira.

*

E, um ano depois, no festivo mês de Junho, deviam inaugurar-se, em dias sucessivos, todas as Obras.

António José mandara vir os filhos e o neto

para assistirem às festas ; e a família de José Marques prometera vir também.

A velha caseira, porém, que agora tinha consigo uma rapariga para a ajudar nos trabalhos da quinta, parecia preocupada. Não tinha aquela sua alegre expansão, que a tornava tão comunicativa ; não fazia já os seus comentários pitorescos ; não citava, a todo o momento, os velhos adágios populares de que, habitualmente, era tão pródiga.

E, quando os sobrinhos chegaram da Beira e lhe mostraram o gordo e perfeito Antoninho, a senhora Emília, com lágrimas a cobrirem-lhe o rosto rugoso beijou-o dizendo :

— Tenho o coração oprimido, meus filhos...

João e Maria alarmaram-se ! A Tia Emília parecia-lhes tão mudada... Que teria a boa velhinha ?

Mas nessa altura entrava, cheio de alegria, António José, acompanhando José Marques e a irmã, que percorriam a quinta.

— Vamos, Tia Emília, toca a fazer as honras da leitaria e das capoeiras ! — e, fazendo das fraquezas forças, a velhota foi mostrar, com orgulho, os primores da leitaria, toda forrada de azulejos claros, onde a jovem Natália, vestida de branco, desnatava.

— O que terá a Tia, João ? — murmurou Maria, preocupada.

— Não faço ideia nenhuma, Maria. Sentir-se-á doente, coitada ?

— Se assim fosse, não chorava ao beijar o Antoninho. Deve ser coisa mais séria.

Tentaram ambos provocar-lhe as confidências... Mas em vão. E, nessa mesma tarde, quando António José estava com os filhos e os amigos na sala, em animada conversa, o correio trouxe-lhe uma carta registada.

— Nem a leio, agora ; não tenho tempo — disse ele.

Mas José Marques, vagamente preocupado, disse-lhe :

— Anda, lê, António. Se vem registada, é porque tem importância.

E António José, rasgando o sobrescrito com indiferença, leu as poucas palavras que a carta continha :

«Chegou a hora de pagar.
Traidores não têm perdão».

Atirou com o papel para cima da mesa sem sequer o rasgar ; e, ao ver o seu sorriso amargo, o amigo perguntou :

— O que é ?

— Lê — respondeu ele, simplesmente.

— Uma ameaça, António, e é séria — comentou José Marques.

João e Maria sobressaltaram-se, ao ler as frases de ódio... — e João exclamou :

— Pai, peço-lhe que tenha cuidado !

Enquanto Berta, com senso prático, aconselhou :

— Vá armado, Sr. Costa. Leve o seu revólver, peço-lhe.

António José olhou-a, admirado pelo interesse sincero que sentia naquela voz simpática. E, brincando, observou :

— Não se aflijam. E a sua «ovelha desgarrada» está fixe no redil, Sr.^a D. Berta.

Mas António José foi buscar o seu revólver e meteu-o na algibeira.

— Patrão — veio dizer um dos trabalhadores à porta da sala — é preciso ir à Casa do Povo ver lá umas coisas para amanhã.

— Deixe-me ir consigo, Pai — pediu João, levantando-se para o acompanhar.

— Não quero, João. Vou só.

E saiu, lendo-se-lhe no semblante uma vaga tristeza. De si para si, pensava, enquanto se encaminhava para a vila :

— É bem inútil defender-me... Sou um homem morto...

Mas, já perto da Casa do Povo, não viu nada de suspeito. E, perante a alegria daquela gente, e a esplêndida realização dos seus sonhos, esqueceu, quase, a terrível ameaça.

Durante esse tempo, João, preocupado, foi

ter com a caseira. Tinha a certeza, por uma intuição especial, que não era sem fundamento que ela sentia, como dizia, «o coração opresso»...

— Que quer que lhe diga, Joãozinho ? Cuidados tenho ; não lhe posso mentir...

— Mas sabe alguma coisa, Tia Emília ? Sabe de quem queira mal ao meu Pai ?

— Ele há tanto malvado... — murmurou ela, com lágrimas nos olhos.

— Ah, isso há. Agora mesmo acaba ele de receber uma carta anónima com ameaças... — suspirou João.

A caseira ergueu-se, assustada, e exclamou :

— Ai o meu rico patrão ! Ai o que vai ser dele se os malvados o apanham !

E desatou a chorar, em soluços sentidos.

João sentou-se a seu lado, e tornou, persuasivo :

— Diga-me tudo o que sabe, Tia Emília. Como havemos de defendê-lo se nada sabemos ?

A caseira soluçava sempre ; mas João conseguiu entender, através das lágrimas, as suas frases angustiosas :

— Eu, por mim, não sei nada... Mas o Ventura... O menino sabe... que o seu pai... já o reformou...

— E então ? — cortou João, impaciente. — Diga tudo, pelo amor de Deus !

A caseira limpou as lágrimas e, mais calma, explicou :

— Como o Ventura anda por 'qui e por 'li, ouviu dois op'rários, (uns estucadores que o mestre de obras mandou vir de Lisboa), falar, ao pé do chafariz. E eram homens de má catura, por isso o Ventura desconfiou deles...

— Ande, Tia Emília...

— E um desses homens, que tinham ido merendar para ali, perguntou ao outro : «olha lá, quando é a matança do porco ?»

— Meu Deus... — murmurou João.

— E o outro olhou, de revês, prò Ventura e disse, com grandes risos : «Para as festas é que se fazem as matanças ; você não sabe isso ?»

E lá se ficaram a chasquear um com o outro...

João ficou-se a meditar. Teria aquela conversa algum sentido terrível ?

A velhota murmurou, tristemente :

— A gente não sabe nada... Mas o Ventura anda cheio de medo p'lo nosso patrão. E eu também, Joãozinho.

João resolveu ir falar com José Marques e contar-lhe os receios da caseira. E meteu pela rua das parreiras, cujo muro deitava para a estrada.

Estremeceu, sem saber porquê, ao sentir os passos de alguém que passava na estrada...

Debruçou-se sobre o muro: mas só viu, já longe, um homem que corria vertiginosamente, desaparecendo na volta do caminho. Apressando os passos, numa vaga inquietação, chegou ao portão da casa; e viu vir da vila, no meio dum borbórinho ruidoso e estranho, um grande grupo de homens e mulheres. Gritavam, choravam, vociferavam, mas João não os entendia... E de repente, ao verem João, pálido, junto ao portão, fez-se um silêncio... Mas João nada perguntou, pois via avançar uma padiola improvisada sobre a qual jazia António José.

— Meu Pai! — gritou o filho. Meu adorado Pai! — e abraçado ao corpo inanimado do pai, João soluçava com desespero.

José Marques, brandamente, tirava-lhe dos braços o pobre António José; e Maria levou para casa o marido.

— Um tiro nas costas, e assim se mata um homem destes! — comentava um trabalhador, limpando os olhos à manga da camisa.

— E isto porquê? — dizia outro, raivoso. — Porque ele queria o bem da gente, mais nada!

— É que houve tempo em que ele emparceirava com os outros — disse outro.

— Com os outros, é como quem diz... Qu'este foi sempre boa criatura.

— Pois sim, homem, isso é certo. E pensava que o que dizia era pra bem do povo — observou um rapaz de boa aparência, conhecido como

exemplar chefe de família. — Ele tinha boas intenções, é certo. Mas não se pode construir na areia, sabem? Sem alicerces sólidos não há edifício que se agüente...

— Já ia morto? — perguntou uma mulher, chorando.

— Não se sabe. Só quando o médico chegar...

Ainda não era a morte, porém; e António José passou a noite toda em estado comatoso.

XVI

Portugal longínquo !

José Maria continuava em Angola.

Depois de ter servido «com zelo e dedicação», como dizia a sua caderneta militar, e de ter exercido no presídio uma notável influência sobre os degredados, convertendo alguns desses homens e tornando-os aptos para uma vida honesta, o excelente rapaz requerera a situação especial de colono e instalara-se na região da Lunda. E lá vivia com a mulher e dois pequenitos gémeos.

A boa Custódia depressa se adaptara à vida em África ; e tão bem colaborava com o marido na administração prática da casa e das culturas que o casal vivia em franca abundância, dando a todos, europeus e indígenas, o exemplo vivo do que era a família cristã portuguesa.

Estimado pelos oficiais enquanto fora militar, José Maria era igualmente querido entre os colonos, que viam nele o prototipo do português leal e bom.

O seu lugar na Lunda, patrocinado pela próspera Companhia dos Diamantes, era trabalhoso, mas bem remunerado; e José Maria sentia-se feliz, esperançado de bom futuro.

A sua Custódia, sadia e alegre, era bem a companheira que ele precisava! Dava prazer ver as suas faces bochechudas e coradas, os olhos verdes e pestanudos, ouvir-lhe o riso comunicativo...

A casa que lhes foi destinada era feita com os materiais da região: adobes e capim. Tinha uma vasta varanda à frente, com a largura de dois bons metros; e o telhado era fortemente inclinado, para que as águas das chuvas se escoassem rapidamente.

Perto da casa, para além da horta e do jardim florido, um grande eucaliptal embalsamava o ar; e o clima da Lunda mostrava-se propício ao jovem casal.

José Maria trabalhava de sol a sol; e tornara-se, também, querido entre a população indígena, pela sua justiça, à qual os pretos são tão sensíveis. Tratava-os, além disso, com uma caridade absoluta.

— Eu sei que o indígena está longe de ser santo — dizia ele aos colegas — mas eu não

concebo que o preto seja tratado como «coisa» ou animal! E tantos brancos usam fazer isso... O indígena, para mim, é como um português «duma província de Portugal», embora, sim, um pouco infantil: por isso o trato com mais cuidado e mais justiça...

Custódia, sempre activa, tinha horas em que desejaria estar mais ocupada; havia dias em que, acabadas as suas tarefas, essas horas lhe pareciam longas... E lembrou-se, uma vez, duma coisa interessante.

Com o consentimento de José Maria, corraera até à Missão Católica, que não era afastada dali, a expôr a sua ideia às boas Irmãs Missionárias: como era hábil, no seu longínquo Alentejo, em tecer as apreciadas colchas de «carrapiço» que tão bem se vendiam na feira de Castro Verde e outras, lembrava-se de estabelecer, na Missão, um tear no qual ela, Custódia, ensinasse as pretinhas da Escola.

— A minha avó, lá no Alentejo — explicou ela às Irmãs — não saía no seu burro sem lhe cobrir a albarda com uma manta tecida por mim. — E mostrou uma das lindas colchas.

As Irmãs, encantadas, resolveram aceitar aquela interessante colaboração.

Sentiam-se felizes, José Maria e Custódia; e a vida ali, na risonha povoação que habitavam, tornava-se fácil e agradável.

As casas floridas, os campos cobertos de

lindas «amarilis», o rio largo, as ruas arborizadas, tudo isso formava um conjunto encantador. E, agora, nem faltava um belo e higiênico Jardim de Infância, aonde Custódia levava os seus gémeos diàriamente.

Mas depressa chegou à Lunda a notícia do atentado criminoso contra António José; que dolorosa impressão foi a deles, ao pensar no desgosto de João!

Custódia acudiu logo, cheia de senso prático:

— Pede uma licença de seis meses, José Maria, e vamos ter com eles depressa.

E a licença foi logo concedida.

Deixando na Lunda um colega casado para olhar pela sua propriedade, José Maria e Custódia, evitando a grande despesa do avião, foram embarcar com os filhos em Luanda, no primeiro vapor para Portugal.

XVII

...e Deus dispõe

Antônio José continuava em estado gravíssimo. E como os médicos, depois duma longa conferência, decretaram que era impossível transportá-lo para uma clínica de Lisboa, ali tinha de ficar, rodeado, aliás, de todos os cuidados. A boa Berta decidira constituir-se a sua enfermeira.

— Bem sabes, José, que eu fiz o curso de enfermagem : é a melhor ocasião de o pôr em prática ; deixa-me tratar do teu amigo — pediu ela.

O irmão hesitava, porém.

— Não se tornará isso reparado, Berta ?

Berta encolheu os ombros, indiferente.

E João, cheio de gratidão, aceitou o seu oferecimento tão espontâneo.

— Nem sei como agradecer-lhe, Sr.^a D. Berta! A Maria, com o nosso filho tão pequenino ainda...

— E outro para nascer... — concluiu Berta.

E, ajudada por uma enfermeira religiosa, nunca mais deixou a cabeceira do doente. Mas, apesar de todos os cuidados, o estado mantinha-se sem melhoras: a perfuração do pulmão esquerdo, denotada pela radiografia, era um mal, a bem dizer, irremediável! O tiro fôra tão certo...

O assassino tinha sido apanhado não longe da vila: na corrida louca em que ia, tropeçara numa raiz e partira uma perna. E o cinismo revoltante com que confessou o crime, quase o ia fazendo linchar pelo povo!

— O pior é se ele escapa desta... — resmungou por fim.

— Quem lhe encomendou este trabalho, malandro? — perguntou-lhe um dos polícias.

— Você quer tirar nabos da púcara, mas não vai nada. O gajo morreu ou não?

Ninguém lhe respondeu.

Umás semanas depois do triste acontecimento, António José melhorou um pouco. Com os olhos entreabertos e a respiração curta, chamou o filho.

João, que estava no quarto ao lado, chegou-se ao pé da cama.

O pai segredou, a custo:

— Não me salvo, João...

— Meu Pai... — murmurou o filho, com ternura.

— Deixa-me falar... Morro bem. Tinha de ser... E ficou tudo pronto... — A falta de ar obrigou-o a parar.

— Escuta, João. Fiz testamento : garanti os fundos para as Obras. Mas quero ainda...

Ofegante, António José parou. Berta chegou-lhe aos beiços um refresco, que ele bebeu devagar.

— João—tornou ele—educa o meu neto... não esqueças as quatro coisas... Quatro.

João olhou o pai, admirado. Que quatro coisas seriam essas ? Não sabia...

Berta lembrou-lhe, baixo :

— Quer que venha o Prior?—e saiu, apresada, quando João lhe acenou que sim.

— Sossegue um pouco, querido Pai: Quer falar com o senhor Prior ?

António José teve um sorriso ; e quando o sacerdote chegou, estendeu-lhe a mão.

Ficaram sós, o padre e ele.

E quando, passado um quarto de hora, o Prior abriu a porta, foi com a voz calma e clara que António José disse ao filho :

— São quatro coisas a incutir na alma do meu neto. — E devagar, separando as palavras uma das outras, prounciou : DEUS — PÁTRIA — FAMÍLIA — TRABALHO.

Suspirou fundo, fechou os olhos e caiu numa sonolência que durou a noite inteira.

De madrugada, com a mão de João apertada na sua, deixou de respirar...

EPÍLOGO

Dez anos tinham passado sobre estes acontecimentos.

João e Maria, já rodeados de cinco filhos, três rapazes e duas raparigas, viviam felizes no Casal das Rosas, transformado numa propriedade próspera, onde não faltava o trigo, o azeite, o vinho, a fruta, a hortaliça... E a roda da Azenha corria sempre, vivificando tudo com a sua água fresca, em espuma imaculada.

Maria, que criara magnificamente os seus cinco filhos, sentira-se, porém, num pé de grande inferioridade perante o marido, tão culto e instruído... E um dia, desabafou o seu desgosto.

— Na aldeia, João, nunca passei da quarta classe. Não terias tu a pachorra de me dar lições? Os serões de inverno são tão compridos... E à lareira, com os pequenos deitados...

A resposta de João fora um longo beijo...

E essas lições, dadas com tanto amor, transformaram a ignorante Maria numa mulher de alto valor.

Gostava de ler, gostava de saber ; e, à medida que os filhos iam chegando à idade de começar a instruir-se, era ela que se constituía a sua primeira mestra.

Instalara uma pequena leitaria anexa ao estábulo, enquanto não pudesse dispor de local mais afastado, que melhor evitasse a proximidade das moscas. E como as três vacas turinas, de boa raça portuguesa, produziam uns cinquenta litros de leite todos os dias, Maria, ajudada por outra rapariga, fazia manteiga : e com a venda do leite desnatado, que se dava aos bácoros naquela região, o negócio da manteiga, vendida na vila, era lucrativo. Projectava desenvolver o trabalho dos lacticínios com o fabrico de certo queijo de ovelha, especialidade alentejana que bem conhecia ; mas isso seria para mais tarde.

Além da leitaria, Maria mantinha, com o maior interesse, o serviço da criação. Com a excelente chocadeira que João lhe comprara, e a respectiva criadeira, os frangos bem desenvolvidos do Casal das Rosas ganhavam fama ! E havia já propostas vantajosas para estabelecer a sua venda em Lisboa.

— Os cortiços quando é que vêm ? — perguntou João, um dia.

E também vieram enxames de abelhas para o Casal das Rosas, vendendo-se o mel doirado, que as flores da Beira Alta perfumavam singularmente. João trabalhava nas suas composições, apreciadas, sempre, nos meios artísticos. Voltara ao estrangeiro várias vezes, a encher os ouvidos e o espírito de novas harmonias, novas ideias...

Assim, o trabalho, cimentado pela saúde e pela alegria, constituía o fundo essencial da vida no Casal das Rosas : vida fecunda e feliz no gozo da terra Pátria !

O bom Tio Francisco morrera centenário. A sua morte, sem agonia, fora bem o fim da vida dum justo...

Deixara sincera saudade no rancho dos sobrinhos ; e João comentava :

— A família ficou como se tivesse um buraco...

As Obras Sociais da Quinta dos Pinheiros floresciam admiravelmente, regorgitando de crianças e adolescentes. E aquela população rural, muitas léguas em redor, vivia num bem-estar progressivo, juntando-se ali, inteligentemente, o espírito moderno com as velhas e sãs tradições portuguesas.

A senhora Emília ainda era viva ; velhinha, sim, mas rija e alegre como sempre. Não esquecia nunca o bom patrão, assassinado tão cobar-



demente... E, muitas vezes, ia encher de flores a sua campa e rezar pela sua alma generosa.

— É capaz de estar mais perto de Deus do que muitos que se julgam santos! — observava ela, sempre sentenciosa.

E no velho torrão português vão criando raízes fundas, raízes impossíveis de arrancar, essas quatro coisas sagradas e imutáveis, que são a base de toda a felicidade :

DEUS—PÁTRIA—FAMÍLIA—TRABALHO

ÍNDICE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT

INDEX

BY THE EDITOR

— INDICE —

João	1
Projectos	17
José Maria chega aos Pinheiros.	25
Palavras loucas...	35
António José cisma...	43
Manhã de outono.	49
Através dos ares.	57
A profecia da Sr. ^a Carolina.	63
O amor passou...	69
Terra Pátria!	77
Na Aldeia	87
Sinos alegres	95
Os planos de António José.	101
Velhos amigos.	109
Ódio na sombra...	115
Portugal longínquo!	125
...e Deus dispõe	129
Epílogo	133

Este livro foi composto e impresso
na *Escola Gráfica Figueirense*,
rua do Paço, 8, da Figueira da Foz

E
3